

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS

MEDIAÇÃO DE LEITURA E NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS: RELATO DE
EXPERIÊNCIA DE UM GRADUANDO CONTADOR DE HISTÓRIAS

José Everson Ferraz da Silva

São Carlos
2023

José Everson Ferraz da Silva

MEDIAÇÃO DE LEITURA E NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS: RELATO DE
EXPERIÊNCIA DE UM GRADUANDO CONTADOR DE HISTÓRIAS

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
a obtenção do título de bacharel em
Biblioteconomia e Ciência da Informação
pela Universidade Federal de São Carlos.

Orientadora: Luciana de Souza Gracioso

São Carlos
2023

S586m Silva, José Everson Ferraz da.
Mediação de Leitura e Narração de Histórias: relato
de experiência de um graduando contador de histórias /
José Everson Ferraz da Silva. — 2023.
87f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023

1. Mediação de Leitura. 2. Contação de História.
3. Biblioteconomia. I. Título.

CDD 028.9.

MEDIAÇÃO DE LEITURA E NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS: RELATO DE
EXPERIÊNCIA DE UM GRADUANDO CONTADOR DE HISTÓRIAS

José Everson Ferraz da Silva

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
a obtenção do título de bacharel em
Biblioteconomia e Ciência da Informação
pela Universidade Federal de São Carlos.

Aprova em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Prof^a Dr^a Luciana de Souza Gracioso

Membro da Banca (1)

Prof^a Dr^a Paula Regina Da'l Evedove
Universidade Federal de São Carlos

Membro da Banca (2)

Felícia de Oliveira Fleck
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo aos meus pais, pelo apoio contínuo e por me incentivarem a embarcar em uma jornada que, no primeiro momento, era desconhecido. Sou grato por acreditarem em mim e estarem presente nesses anos de estudo.

Agradeço ao PET BCI UFSCar, por abrir um mundo de possibilidades para minha formação, e sobretudo, por possibilitar meu primeiro contato com contação de histórias. Sou grato aos petianos que se tornaram amigos próximos: Ana Julia, Bárbara Valerio, Brenda Santos, Jéssica Ramos, Laís Hellen, Laura Cangiani e Raniel Andrade. Também, agradeço a tutora Paula Dal'Evedove, por contribuir com minha experiência através das suas orientações, ideias e criatividade.

Agradeço ao cursinho popular Cipó do Saber e pelos professores que me engajaram a entrar na universidade. Também agradeço as minhas supervisoras de estágio, por compartilharem saberes importantes para uma atuação de excelência em bibliotecas, pois nessas experiências pude me encontrar na biblioteca escolar e entender qual meu papel na educação.

Sou grato aos meus colegas de curso, que de alguma forma cruzaram meu caminho durante a graduação, os quais foram parceiros nos estudos.

Agradeço a Lara Lumini, pois começamos o curso no mesmo ano, e após anos de parceria e amizade, estamos concluindo a graduação e realizando esta conquista juntos. E por favor, nunca se torne uma estranha, cuja risada eu poderia reconhecer em qualquer lugar, pois ainda quero compartilhar boas histórias com você, mas de agora em diante, como bibliotecários.

Um agradecimento especial à professora Luciana Gracioso, que com sua graça e sabedoria me guiou para a elaboração e conclusão deste trabalho. Desde o primeiro ano me encantei com essa professora que refletia o fazer cultural da biblioteconomia em sua docência. Agradeço por ter um coração empático, por me orientar, tranquilizar, incentivar e valorizar meu trabalho.

Agradeço a banca avaliadora por aceitarem gentilmente o convite, os quais foram escolhidos por serem referências para mim e por terem impactado minha vida em algum momento da minha formação acadêmica.

Em palavras singelas agradeço aqueles, que, de alguma forma, contribuíram para meu sonho: ser um bibliotecário contador de histórias.

*“Contar histórias é acender uma fogueira em seu coração para que a sabedoria e a
imaginação possam transformar sua vida”*

- *A arte de contar histórias*

Nancy Mellon

RESUMO

Compreende-se a mediação de leitura como uma das atividades de destaque do bibliotecário, por estabelecer uma relação dialógica e incentivar à leitura, e conseqüentemente, promover a ampliação de visão de mundo, sendo desenvolvida tanto no ambiente físico, quanto no digital. Para tal, ressalta-se duas práticas de mediação para formação de leitores: leitura em voz alta e narração de histórias, ambas realizadas com auxílio de literatura infantil e juvenil, através da oralidade e da arte performática de narrar histórias. A partir dessa reflexão, o trabalho configurou-se como um relato de experiência, pautado em uma revisão de literatura, com objetivo de mapear as experiências vividas pelo autor, sejam elas no formato presencial ou virtual, enfatizando a participação de estudantes de biblioteconomia enquanto contadores de histórias. Os objetivos específicos foram: apresentar uma descrição detalhada sobre as atividades realizadas de incentivo à leitura, e possibilidades de atuação no âmbito da graduação; promover a discussão sobre literatura infantil e juvenil de qualidade e seu uso na mediação de leitura; elaborar um conteúdo que poderá ser consultado por discentes interessados, motivando-os a se envolverem com projetos de mediação de leitura ainda durante sua formação acadêmica; fortalecer o envolvimento da área e profissionais da biblioteconomia com práticas de leitura e contação de história, ao mesmo tempo em que se dialoga com autores de outros campos de estudo. Com isso, a pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa, sendo um estudo teórico, com procedimentos para a coleta de dados de ordem bibliográfica, e descritivo, através de conteúdo arquivístico de ordem pessoal, apresentados, analisados e discutidos por meio do Relato de Experiência (RE). Os resultados mostram que há diversas possibilidades de atuação do graduando com relação as práticas de incentivo à leitura, e que tais experiências fomentam as dimensões de mediação de leitura Cognitivo, Afetivo e Simbólico, além de explorar aspectos literários, artísticos, educativos e tecnológicos. Conclui-se que é possível e essencial ter a participação do graduando em Biblioteconomia em projetos culturais de formação de leitores, sobretudo com contação de histórias e leitura compartilhada, atuando em diferentes contextos. Além disso, constata-se que a sistematização teórica e descritiva desse trabalho pode colaborar e motivar outros bibliotecários em formação, para que possam se envolver e participar de projetos como os citados nesse material, abrangendo diferentes estágios supervisionados, projetos extensionistas e atividades complementares, resultando assim, em uma experiência enriquecedora durante sua formação acadêmica.

Palavras-chave: Mediação de leitura; Contação de Histórias; Literatura infantil e juvenil; Biblioteconomia.

ABSTRACT

The mediation of reading is understood as one of the prominent activities of the librarian, as it establishes a dialogical relationship and encourages reading, and consequently, promotes the expansion of worldview, being developed both in the physical and digital environment. For this purpose, two mediation practices for reader formation are highlighted: reading aloud and storytelling, both carried out with the assistance of children's and youth literature, or through the orality and performative art of storytelling. Based on this reflection, the work is configured as an experiential report, based on a literature review, with the aim of mapping the experiences lived by the author, whether in person or virtually, emphasizing the participation of library science students as storytellers. The specific objectives were: to present a detailed description of the activities carried out to promote reading, and possibilities for action in the undergraduate field; to promote discussion about quality children's and youth literature and its use in reading mediation; to develop content that can be consulted by interested students, motivating them to get involved in reading mediation projects during their academic training; to strengthen the involvement of library science professionals in reading and storytelling practices, while engaging in dialogue with authors from other fields of study. With that, the research used a qualitative approach, being a theoretical study, with procedures for data collection of bibliographic nature, and descriptive, through personal archival content, presented, analyzed and discussed through the Experience Report (ER). The results showed that there are several possibilities for the undergraduate student in Library Science to engage in reading incentive practices, and that such experiences foster the cognitive, affective, and symbolic dimensions of reading mediation, as well as explore literary, artistic, educational, and technological aspects. It is concluded that it is possible and essential for the Library Science student to participate in cultural projects for reader formation, especially through storytelling and shared reading, acting in different contexts. Furthermore, it is noted that the theoretical and descriptive systematization of this work can collaborate and motivate other aspiring librarians to get involved and participate in projects like the ones mentioned in this material, encompassing different supervised internships, extension projects, and complementary activities, resulting in an enriching experience during their academic training.

Keywords: Reading mediation; Storytelling; Children's and youth literature; Library science.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do livro “A infância da Bruxa Onilda”	48
Figura 2: Contação de histórias na Biblioteca Pública de Ibaté	49
Figura 3: Capa do livro “365 histórias encantadas para divertir e sonhar”	50
Figura 4: Capa do livro “Fogo no Céu!”	51
Figura 5: Capa do livro “Quem é o boitatá”	52
Figura 6: Captura de tela da narração sobre o Boitatá no PET BCI	53
Figura 7: Capa do livro “Quem é o lobisomem”	54
Figura 8: Captura de tela da narração sobre o Lobisomem no PET BCI	55
Figura 9: Captura de tela da narração no Colégio Objetivo Wellington	56
Figura 10: Capa do livro “Ghaddar, o demônio”	56
Figura 11: Captura de tela da narração “Como a andorinha enganou a serpente” no PET BCI.....	57
Figura 12: Capa do livro “Uma história de Páscoa”	57
Figura 13: Captura de tela da narração “Uma história de Páscoa” no PET BCI	58
Figura 14: Capa do livro “Uma arara e sete papagaios”	59
Figura 15: Captura de tela da narração na EMEI José Madureira Lebrão.....	60
Figura 16: Capa do livro “Zizi	61
Figura 17:Contação ‘A infância da bruxa Onilda” na Educativa.....	63
Figura 18: Narração “Uma arara e sete papagaios” na Educativa	64
Figura 19: Captura de tela da narração “Fogo no Céu” na Educativa	65
Figura 20: Capa do livro “Não abra este livro: vá ler outra coisa”	66
Figura 21: Leitura em voz alta “Não abra este livro” na Educativa.....	67
Figura 22: Capa do livro “Sete histórias para sacudir o esqueleto”	67
Figura 23: Capa do livro “Fábulas de Esopo”	68
Figura 24: Leitura do livro “Fábulas de Esopo”	69
Figura 25: Capa do livro “Os três lobinhos e o porco mau”	70
Figura 26: Contação de história para os 4º anos na Biblioteca Isabel Hyppolito	71
Figura 27:Contação de história para os 6º anos na Biblioteca Isabel Hyppolito	72
Figura 28: Contação da história “Fogo no Céu” na Biblioteca Isabel Hyppolito	73
Figura 29: Capa do livro “O mundo no black power de Tayó	74
Figura 30: Capa do livro “Uma ideia toda azul”.....	76

Figura 31: Captura de tela da narração “Uma arara e sete papagaios” no festival SIBISC	77
Figura 32:Arte de divulgação da Oficina de Criatividade	78
Figura 33: Contação de História na Biblioteca Sinhá Junqueira.....	79
Figura 34: Cabana de história” na Feira Orgânica de São Carlos.....	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Dimensões da Mediação de Leitura por Vicent Jouve22	22
Quadro 2: Perguntas norteadoras para seleção de livros infanto-juvenis com qualidade literária	29
Quadro 3: Sugestão de roteiro para construção do Relato de Experiência.....	43

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. REVISÃO DE LITERATURA	19
2.1 Mediação da Informação	19
2.2 Mediação de leitura: relação dialógica com a arte literária para ampliação da visão de mundo do leitor	21
2.3 O compromisso do mediador de leitura e seu desejo de compartilhar	25
2.4 Literatura e seu papel na mediação: um olhar para a literatura infanto-juvenil de qualidade	26
2.5 Ler e contar histórias: proximidades e diferenças para mediação	31
2.6 Contação de Histórias: oralidade e performático	33
2.7 Laços entre a contação de histórias e a biblioteca escolar	39
3. METODOLOGIA	41
4. RESULTADOS	47
4.1 Práticas realizadas pelo Programa Educação Tutorial em Biblioteconomia e Ciência da Informação	47
4.2 Práticas realizadas em estágio supervisionado: Educativa – Cooperativa Educacional de São Carlos	62
4.3 Práticas realizadas em estágio supervisionado: Biblioteca Municipal Por. Isabel Hyppolito	69
4.4 Práticas realizadas em projetos complementares: parcerias extensionistas para além da universidade	74
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	81
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	85

1. INTRODUÇÃO

Um dos campos de estudo e prática na Biblioteconomia e Ciência da Informação é a de mediação da informação, e quando se fala sobre a ênfase cultural, destaca-se as atividades de contação de história e mediação de leitura, ambas com intuito de fomentar a leitura, a partir da apropriação e relação com o que se está lendo, ao mesmo tempo em que o leitor e suas percepções de visão de mundo são relevantes para sua formação leitora.

Nesse sentido, entende-se que a leitura é uma atividade constante na formação de cada indivíduo, e atuando a favor disso, os bibliotecários podem contribuir através de projetos literários, culturais e artísticos. Compreende-se aqui o papel de mediação presente no profissional da informação Silva (2016, p. 11) afirma: “A mediação de leitura busca, primordialmente, mediar o leitor a (re) descobrir o prazer pela leitura, promovendo um elo de aproximação entre o texto e o leitor. Para essa realização acreditamos ser necessária a presença de um mediador”.

A mediação é um convite à leitura e ao diálogo, e criar situações de leitura pode fazer existir vínculos por produzir sentido tanto no leitor quanto no mediador, como mais uma vez explica Silva (2017, p. 38): “A mediação permite a produção, a circulação e a apropriação da informação, produzindo sentidos, tanto para o leitor, quanto para o profissional da informação”.

Destacando-se como uma ação mediacional, a contação de histórias possibilita que o leitor se aproprie da informação, a partir da narrativa contada, além de fomentar o prazer da leitura, a ludicidade e imaginação, e aguçar a curiosidade, promovendo o texto literário como fonte de informação e descobertas. Bortolin (2014), afirma o quão essencial é realizar atividades orais recreativas, promovendo o uso do acervo da biblioteca, sobretudo no ambiente escolar, por ser uma estratégia que o bibliotecário pode usar para incentivar outras leituras em outros suportes e linguagens, disseminando o acervo literário de sua unidade.

Na biblioteca escolar, o ato de contar histórias nos leva em uma viagem de criatividade, imaginação, emoções e aventuras, e pode ser realizada dentro de projetos de incentivo à leitura, a partir de encontros temáticos, ou em parceria com professores, sendo mais um recurso voltada à formação educacional do aluno e também um aliado quanto ao contexto curricular e Projeto Político Pedagógico da unidade educacional, pois como conclui Souza (2017, p.4) “A contação de histórias

como um elemento a mais para o ensino-aprendizagem, suscita o interesse dos indivíduos pelo conhecimento, o que se acredita ser um dos caminhos para melhorar a qualidade da educação escolar”.

Ainda, essa ação pode ser conduzida com o objetivo de divertir, favorecendo o lazer e a desconpressão, ao mesmo tempo em que cria conexões e interações, resultando em momentos de acolhimento, afeto e ludicidade, sobretudo quando o envolvimento dessa atividade se dá com o público infanto-juvenil, pois a literatura de qualidade para infância, aquela que abre espaço para o questionamento e promove a reflexão, ao mesmo tempo em que emerge na sensibilidade do ato de ler e contar histórias, aborda diversos temas, sejam eles universais ou pessoais, fazendo com que a contação de história se relacione com o desenvolvimento das crianças, quando seu processo de aprendizagem, leitura de mundo e vivências e conflitos de seu cotidiano são colocados em pauta.

Ou seja, ouvir contar histórias na infância é muito importante para a formação da criança, já que é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é compreender não só as histórias escritas como os acontecimentos do seu cotidiano. É também contando histórias que preparamos a criança para vivenciar com mais segurança suas próprias dificuldades ou encontrar um caminho para sua resolução. É através delas que se pode sentir e viver importantes emoções como: a raiva, a tristeza, alegria, tranquilidade e tantas outras, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve (Schermack, 2015, p. 5).

Diante da importância que essa atividade possui e do impacto positivo que ela causa no público infanto-juvenil, considera-se essencial ressaltar que a narração de histórias e a leitura podem ser realizadas tanto presencialmente, quanto virtualmente, através de tecnologias disponíveis na atualidade. Em decorrência da pandemia COVID-19, decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020, tornou-se necessário o isolamento social, logo, diversas atividades precisaram ser adaptadas para o formato virtual, e com isso, houve um aumento expressivo de gravações de vídeo e chamadas ao vivo, realizando ações pela internet de incentivo à leitura. Nesse contexto, o uso das tecnologias digitais foi ainda mais utilizado para ampliar as possibilidades e o alcance de diversos espaços e comunidades, expandindo a experiência em mediação de leitura.

Para realizar este trabalho de fomento ao ato de ler e contar histórias, é imprescindível o envolvimento do profissional da informação interessado na atuação com projetos literários e sociais, bibliotecas escolares, públicas ou de unidades educacionais e culturais, os quais têm como público majoritário crianças e

adolescentes, e para isso, tem-se a necessidade de estudo, formação e realização de práticas experimentais com atividades desses setores que utilizam da oralidade recreativa e da literatura infantil, em diferentes contextos.

Nesse sentido, a partir dos pilares de ensino, pesquisa e extensão que compõem a formação universitária, as possibilidades de projetos ofertados e incentivados pelas universidades, contribuem para que os discentes tenham a oportunidade de expandir seus conhecimentos e interesses, buscando identificação acadêmica e profissional ainda em seu período de graduação.

Durante sua formação acadêmica, o estudante de biblioteconomia pode participar de algumas disciplinas, atividades extensionistas e complementares, projetos de pesquisa e experiências profissionais formativas, voltadas para o eixo cultural e social, sobretudo no que diz respeito aos tópicos de narração de histórias e leitura. Tais atividades se configuram como oportunidades para os contadores de histórias em potencial se envolverem com essas práticas literárias, possibilitando assim o contato com conceitos teóricos, formação e preparo técnico, trabalhando sua oralidade e performance artística.

No âmbito do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI), ofertado pelo Departamento de Ciência da Informação (DCI), vinculado ao Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), encontramos algumas possibilidades disponíveis para graduandos, como, a disciplina obrigatória de Leitura e Cultura, as disciplinas de ênfase, que visam a formação final e contam com quatro subáreas, sendo a “Informação, Cultura e Discurso”, constituída pelas matérias “Discurso, história e memória” e “Análise das práticas culturais e discursivas”, e as Disciplinas optativas “Gestão de projetos em unidades de informação”, “Linguagens, cultura e discurso” e “Tópicos especiais em Biblioteconomia e Ciência da Informação”. Além dessas ofertadas pelo DCI, é possível cursar as disciplinas eletivas, estas que são da grade curricular de outros departamentos, mas que podem favorecer a aprendizagem dos alunos interessados.

Além das disciplinas, outras oportunidades são o Estágio obrigatório, que solicita que o estudante cumpra uma carga horária de trezentas horas, podendo, dentre as diferentes opções, atuar em bibliotecas públicas, escolares ou outras unidades de informação destinadas à leitura, cultura e educação. Também, integrando a grade curricular, o curso de BCI da UFSCar solicita a participação dos alunos em Atividades complementares, de cumprimento obrigatório de 180 horas, logo, essas

atividades podem ser escolhidas de acordo com interesse e necessidade dos discentes.

Outros projetos de destaque são a Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE), as quais são ofertadas semestralmente com atividades de formação complementar de caráter cultural, educativo e científico, Iniciação Científica e Grupos de Pesquisa, Monitoria, projetos institucionais ou de extensão, como a atividade de extensão “Informação para Educação” ou o Programa de Educação Tutorial de Biblioteconomia e Ciência da Informação (PET BCI), além dos trabalhos voluntários e estágios não obrigatórios.

Para aplicar o Relato de Experiência neste trabalho, serão utilizadas as experiências vividas pelo autor no Programa de Educação Tutorial de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos, enquanto membro da subárea Quitanda de Histórias, assim como, nos estágios supervisionados e demais atividades complementares, como monitoria e trabalhos voluntários em bibliotecas públicas, festivais e instituições educacionais.

O Programa Educação Tutorial é um projeto vinculado e incentivado pelo Ministério da Educação (MEC), presente em diversas universidades e diferentes áreas do conhecimento, sendo composto por grupos de discentes, sob a orientação de um professor tutor. Esses grupos são responsáveis por realizar atividades dentro do tripé universitário de pesquisa, ensino e extensão, voltados para alunos de graduação e demais interessados do ambiente acadêmico e profissional. Falando especificamente sobre o PET BCI UFSCar, o grupo iniciou suas atividades em 01 de dezembro de 2010, quando teve o projeto aprovado pelo Ministério da Educação (MEC) a partir do Edital N° 09 – PET 2010, e desde então promove diferentes eventos, incluindo ações culturais, por meio do grupo Quitanda de Histórias.

Já com relação aos estágios, serão considerados as experiências na biblioteca escolar da Educativa - Cooperativa Educacional de São Carlos e na Biblioteca Municipal Prof.^a Isabel Hyppolito, anexa à escola EMEB Carmine Botta, da prefeitura de São Carlos, ambas atuam fortemente com o incentivo a prática leitora, enquanto a primeira está vinculada somente a área escolar e pedagógica, a segunda atende tanto a comunidade quanto os alunos da educação básica, logo, tem-se duas perspectivas diferentes, que em determinados momentos podem se relacionar ou não.

Também, serão destacadas atividades realizadas em projetos pessoais do autor, através de parcerias com instituições educacionais, professores da rede básica

de ensino, bibliotecas públicas, e monitoria na disciplina de Leitura e Cultura, ofertada pelo Departamento de Ciência da Informação no curso de Biblioteconomia da UFSCar.

Buscando apresentar, por meio de uma poesia, o texto abaixo reflete a visão e relação do autor deste trabalho com a prática de contação de história.

Pelo amor da voz que narra!

Diga-me: o que há naquela nuvem?
a fantasia, o mundo, a esperança...
as narrativas que te envolvem
e te dizem: sou infância!

Lê-se em ti o afeto pela arte:
do era uma vez até o agora
todo reconto em ti faz parte
como cada estrela no céu afora!

Encontre-se em boas histórias
e no aconchego das palavras,
onde brilhará suas memórias
pelo amor da voz que narra!

Com isso, esse trabalho se justifica como um conteúdo motivador para ampliar a discussão sobre mediação de leitura e contação de histórias no âmbito da biblioteconomia, sobretudo no que diz respeito ao envolvimento de graduandos da área, visto que os campos social, educativo e cultural são fortemente associados ao trabalho dos bibliotecários, evidenciando assim, a relevância de se abordar, estudar e incentivar tais práticas ainda na formação universitária.

Portanto, esse relato de experiência se configura como uma sistematização teórica e prática sobre mediação de leitura, com objetivo de mapear as experiências vividas pelo autor, sejam elas no formato presencial ou virtual, enfatizando a participação de estudantes de biblioteconomia enquanto contadores de histórias,

tendo a seguinte pergunta norteadora: Como o estudante de Biblioteconomia e Ciência da Informação se torna um contador de história e mediador de leitura?

Com relação aos objetivos específicos, busca-se:

- Apresentar uma descrição detalhada sobre as atividades realizadas de incentivo à leitura, e possibilidades de atuação no âmbito da graduação;
- Promover a discussão sobre literatura infantil de qualidade e seu uso na mediação de leitura;
- Elaborar um conteúdo que poderá ser consultado por discentes interessados, motivando-os a se envolverem ainda durante sua formação acadêmica;
- Fortalecer o envolvimento da área e profissionais da biblioteconomia com práticas de leitura e contação de história, ao mesmo tempo em que se dialoga com autores de outros campos de estudo.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Mediação da Informação

Mediação é um conceito presente em diversas áreas do conhecimento, recebendo diferentes abordagens, e que pode ser empregado tanto em uma perspectiva informacional e cultural, quanto educacional e pedagógica, portanto, configura-se como interdisciplinar. Isso pode se justificar por conta das interações sociais e produções de sentidos, pois

Para tratar de mediação, de início, é preciso situá-la como ação vinculada à vida, ao movimento, ao processo de construção de sentidos. Os seres humanos agem em relação à realidade tomando como referência o significado que atribuem a essa realidade, que é construída nas interações sociais e mediações simbólicas (Gomes, 2010, p. 87).

Também, pode-se destacar a existência de um uso operatório do conceito de mediação, responsável por sua variedade de aplicação e propostas de definição, pois é associado a processos específicos, derivando daí a existência da mediação midiática, pedagógica, cultural, institucional, que compreende tanto a abordagem política quanto a social da mediação, além, também, da mediação ligada às tecnologias (Davallon, 2007, p. 9).

Ainda nas reflexões e estudo de Jean Davallon, a mediação pode ser considerada como algo que incentiva uma reflexão aprofundada da comunicação, na qual, considera-se a dimensão simbólica do processo comunicacional, e que também, refere-se à ação de servir de intermediário, mas não como “uma simples relação ou uma interação entre dois termos do mesmo nível, mas que ela é produtora de qualquer coisa de mais, por exemplo de um estado mais satisfatório” (Davallon, 2007, p. 7).

No campo de estudo e discurso da Ciência da Informação, tem-se a Mediação da Informação, que possui como objeto a própria informação. De acordo com o grupo de pesquisa Grupo Interfaces: informação e conhecimento, o qual tem como objetivo pesquisar e discutir aspectos da área de Ciência da Informação, pode-se definir mediação da informação como:

[...] toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional (Almeida Júnior, 2009, p. 92).

Quanto a essa interferência direta ou indireta, o autor Oswaldo Francisco Almeida Júnior destaca a mediação em dois sentidos: implícita e explícita, diferenciando-as a partir do grau de interação entre o profissional da informação e o leitor usuário da unidade de informação, logo, para tal, são consideradas as atividades realizadas pelo mediador. Enquanto na mediação implícita não é necessária a presença do profissional da informação junto ao usuário, pois essa ação ocorre mediante a atividades de processamento da informação, a mediação explícita acontece em momentos em que a presença do usuário é inevitável, ainda que a presença do bibliotecário não seja física, promovendo assim interação (Almeida Júnior, 2009, p. 92).

Reafirmando a existência da mediação implícita e explícita, explicando suas distinções a partir do fazer profissional do bibliotecário-mediador e sua relação com usuário-leitor, ressalta-se:

A mediação da informação pode se dar de duas maneiras: implícita e explicitamente. A mediação implícita se dá em atividades meio da biblioteca (seleção, aquisição, registro, catalogação, classificação, indexação), nas quais não há a presença do usuário, mas há a intenção de atender suas necessidades de informação e prover formas de apoio a esses usuários. Já a mediação explícita está relacionada às atividades fins, como as de disseminação seletiva da informação e do serviço de referência, nas quais há um alto grau de interação entre usuário e bibliotecário (Gomes, 2009, p. 755).

Logo, compreende-se que em ambos gêneros de mediação destacados na área de Ciência da Informação, o usuário é uma figura importante, pois mesmo que de forma direta ou indireta, tem-se a necessidade de atender suas necessidades.

Também, um outro fator essencial é a apropriação da informação, este que coloca o usuário como um ser ativo e participativo, não só recebendo a informação, mas produzindo sentido com a informação mediada. Nesse sentido, Almeida Junior (2008, p. 3), afirma que a apropriação da informação “[...] pressupõe uma alteração, uma transformação, uma modificação do conhecimento, sendo assim uma ação de produção e não meramente de consumo”. Deste modo, defende-se que o usuário não deve ocupar um lugar de ser apenas um receptor, mas sim um ator principal nesse processo de mediação, e para isso, o mediador também deve ocupar uma função ativa, pautada na interferência.

Destaca-se aqui a mediação explícita e compreendendo que está relacionada com comunicação, interação social, e relação entre pessoas, ressalta-se a mediação de leitura, pois é uma ação que também se envolve com o diálogo e com ações de

interferência para apropriação da informação, e é uma prática de destaque no fazer profissional de bibliotecários e no campo de estudo da Biblioteconomia.

2.2 Mediação de leitura: relação dialógica com a arte literária para ampliação da visão de mundo do leitor

A mediação de leitura compreende um compromisso com o ato de ler, através do diálogo e do encontro do texto literário com o leitor, logo, a mediação é um convite à leitura e ocorre por meio das oportunidades de práticas e ações leitoras. Para Cavalcante (2020, p. 23) “a mediação da leitura é o diálogo que permite a convergência de saberes. É o encontro entre o que é dado a ler e a humanidade de quem lê. Na mediação da leitura acontece o encontro transformador entre a realidade e a fantasia por meio das linguagens”.

Logo, tem-se esse exercício mediacional como uma importante ferramenta na formação de leitores, propiciando interação social, leitura de mundo por diferentes olhares, repertório literário e sua relação com a subjetividade de cada um e a coletividade, pois as histórias lidas podem trazer identificação e responder questões sociais de quem lê, ou até mesmo, temas universais.

Nota-se, então, que a mediação de leitura preza pelas relações dialógicas entre os leitores, texto mediado e o próprio ato mediador, logo, deve-se considerar, de forma imprescindível, a história de vida do leitor e sua participação ativa na ação mediacional e comunicativa.

Buscando embasar essa relação dialógica, destaca-se aqui, as Dimensões da Mediação de Leitura, elaboradas pelo estudioso Vicente Jouve, e no quadro a seguir, busca-se sistematizar essas dimensões, a partir de uma breve descrição e da referência do próprio autor. As categorias são: Neurofisiológico, Cognitivo, Afetivo, Argumentativo e Simbólico.

Assim, como base no quadro, será possível entender cada uma dessas dimensões, fletindo sobre seu papel na interação do leitor com a leitura, sobretudo, nos benefícios que a leitura, embasada na mediação, pode ser usufruída por quem lê.

Quadro 1: Dimensões da Mediação de Leitura por Vicent Jouve²²

Dimensão da leitura	Descrição	Referência
Neurofisiológico	A leitura se relaciona com a decodificação do texto, quando o leitor consegue perceber e memorizar as palavras. O contato com a leitura envolve o funcionamento do aparelho visual e de distintas funcionalidades do cérebro.	“A leitura é antes de mais nada um ato concreto, observável, que recorre a faculdades definidas do ser humano. Com efeito, nenhuma leitura é possível sem um funcionamento do aparelho visual e de diferentes funções do cérebro. Ler é, anteriormente a qualquer análise do conteúdo, uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos” (JOUVE, 2002, p.17).
Cognitivo	Incentiva a construção do conhecimento, a partir da absorção de significado, quando o leitor consegue interpretar e entender do que se trata o texto.	“Depois que o leitor percebe e decifra os signos, ele tenta entender do que se trata. A conversão das palavras e grupos de palavras em elementos de significação supõe um importante esforço de abstração. Essa compreensão pode ser mínima, dizendo respeito apenas à ação em curso. O leitor, totalmente preocupado em chegar ao fim, concentra-se então no encadeamento dos fatos: a atividade cognitiva serve-lhe para progredir rapidamente na intriga” (JOUVE, 2002, p. 18).

Afetivo	Relacionada com sentimentos, memórias e emoções trazidas pela leitura, sobretudo quando essa leitura traz uma identificação subjetiva para o leitor.	“O charme da leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita. Se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente – talvez, sobretudo – sobre sua afetividade” (JOUVE, 2002, p. 19).
Argumentativo	Faz com que o leitor se posicione diante do que é abordado pelo autor na leitura, entendendo os argumentos do texto, questionando o material e colocando em pauta sua visão de mundo, diante do que foi proposto na leitura.	“O texto, como resultado de uma vontade criadora, conjunto organizado de elementos, é sempre analisável, mesmo no caso das narrativas em terceira pessoa, como “discurso”, engajamento do autor perante o mundo e os seres. [...] qualquer que seja o tipo de texto, o leitor, de forma mais ou menos nítida, é sempre interpelado. Trata-se para ele de assumir ou não para si próprio a argumentação desenvolvida” (JOUVE, 2002, p. 21,22).
Simbólico	Conectada ao imaginário do leitor e interage com seu contexto cultural.	“O sentido que se tira da leitura (reagindo em face da história, dos argumentos propostos, do jogo entre os pontos de vista) vai se instalar imediatamente no contexto cultural onde cada leitor evolui. Toda leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e de uma época. A leitura afirma sua dimensão simbólica agindo nos modelos do imaginário coletivo quer os recuse quer os aceite” (JOUVE, 2002, p. 22).

Fonte: Elaborado pelo próprio autor pautado em JOUVE (2002)

Ainda sobre a dimensão afetiva, é interessante considerar o gosto do mediador pelo livro, quando este é tocado pela história, e com isso, motivado a contá-la aos leitores. Dessa forma, o mediador conquista o leitor, quando ele mesmo foi conquistado pela leitura, logo, tem-se uma relação subjetiva e de sentimentos com a obra selecionada.

Deste modo, compreende-se que a leitura se configura como um ato transformador e que atua, no contexto da mediação, como uma ação educativa ao desenvolvimento intelectual, social, emocional, crítico, comunicativo e subjetivo do leitor, quando este se relaciona e encontra sentido na leitura. Dumont (2020, p. 21) “A apropriação do texto pelo leitor implica a produção de sentido, onde se imprime a singularidade da leitura, baseada na experiência individual de cada leitor. Leitura é construção de sentido, de significados”. Por fim, constitui-se como uma ferramenta que possibilita relacionar a informação com visão de mundo e com o contexto cultural e social dos leitores, e para seu desenvolvimento, é preciso ter o desejo de compartilhar saberes e vivências por meio de espaços e atividades de acolhimento e troca.

Diferentemente da perspectiva utilitarista, na qual a leitura é vista apenas como decodificação de um texto, a leitura se estabelece então, como vínculo, prazer e relação com as vivências do próprio sujeito, logo ela começa antes mesmo de aprender a decodificar palavras, assim como afirma Freire (1984, p. 9) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, antes de aprendermos a ler um texto escrito, estamos aprendendo a ler o mundo”.

Todos aprendemos a ler lendo o mundo à nossa volta. Lemos na natureza o tempo que vai fazer; ou em que estação do ano estamos; lemos nos rostos e gestos dos que nos cercam se estão felizes, tensos, tristes, irritados; lemos sinais, placas, imagens; lemos cores, sons; usamos nossos cinco sentidos no ato de ler o mundo e somente por isso, um dia aprendemos a ler a palavra escrita (Versiane, 2012, p. 17).

Diante dessa reflexão acerca da leitura e da mediação dialógica, ressalta-se a importância do uso da literatura para ampliar a visão de mundo, colocando em pauta as vivências do leitor, ao mesmo tempo, em que as trocas entre as relações das pessoas no encontro mediacional são essenciais para fomentar a prática leitora e propiciar a apropriação da informação mediada.

2.3 O compromisso do mediador de leitura e seu desejo de compartilhar

O mediador é aquele que firma o compromisso com o ato de ler, fomentando o encontro do leitor em formação com as propostas de leitura, logo ele é quem está com o leitor e a história lida. Na perspectiva profissional, norteando seus objetivos enquanto mediador de leitura, Dantas (2019, p. 50) diz que “precisa refletir constantemente sobre leitura, estudar o tema, buscar formas de se aprimorar nesse trabalho tão importante. Tem de pensar no que é literatura para ele, por que faz mediação, onde se situa nesse processo, quais suas metas”.

Cabe a esse fomentador literário, incentivar a formação de repertório das crianças, a qual ocorre na medida em que os pequenos leitores têm contato com os diferentes livros de qualidade, construindo assim, um acervo rico, e para isso, o mediador precisa ser leitor, estabelecendo-se como um bom exemplo para seu público.

◇O mediador/a da leitura é, antes de tudo, um/a LEITOR/A. Alguém que ama ler e se conectar com o que é lido.

◇É uma pessoa que gosta de COMPARTILHAR experiências e saberes, interagindo e se comunicando com o outro.

◇O/a mediador/a percebe que as práticas de leitura podem contribuir para a FORMAÇÃO CRÍTICA e AUTÔNOMA do/a leitor/a de modo a expandir possibilidades educativas.

◇ É, portanto, alguém que compreende que LEITURA é FRUIÇÃO e que cada leitor/a possui um percurso de apropriação diferente em relação ao que é lido e partilhado (Cavalcante, 2020, p. 25).

Diante dessas características alocadas ao mediador de leitura, o bibliotecário se destaca como um profissional que, compreendendo suas tarefas, pode atuar a favor da formação de leitores pela mediação de leitura.

[...] o bibliotecário não pode se esquivar da mediação de leitura, visto que o ato de ler precede o ato de informar, descobrir e investigar. Portanto, a tarefa de mediar a leitura é tão fundamental quanto disponibilizar documentos (impressos e eletrônicos) aos leitores de uma biblioteca (Bortolin, 2010, p.116).

As atividades de mediação de leitura requerem do bibliotecário uma maior aproximação com ações culturais, educativas e sociais, utilizando a fantasia, criatividade e o texto literário para promover situações de leitura, formar leitores e promover diálogo, através de ações acolhedoras, logo, compreende-se uma interação fundamental com a literatura.

Complementando, o mediador estimula espaços e momentos de acolhimento e troca, possibilitando a troca de memórias e experiências de vida despertadas a partir

da leitura e do diálogo que ocorre nesse espaço acolhedor. São nesses momentos que essa figura profissional relaciona a informação mediada, por meio da leitura e histórias, com visão de mundo de cada leitor, considerando ainda, o contexto em que vive, logo, estabelece um processo de comunicação que guiará os encontros preparados por aquele que medeia. Nesse sentido, o mediador:

É alguém que cria espaços de acolhimento e troca, onde compartilhar livros, histórias, informações, personagens, tramas e cenários acontece de forma agradável para todos os que participam desses momentos. Alguém capaz de fazer a intermediação entre o texto, a memória e a cultura (Dantas, 2019, p. 50).

Abrangendo seu fazer educativo e cultural, o mediador tem a função de realizar atividades de incentivo à leitura para formação leitora, logo, o uso de literatura é de extrema importância para ampliar o repertório leitor, sobretudo para o público infanto-juvenil, que é o alvo deste trabalho. Para tal, tem-se a necessidade de selecionar e utilizar livros de qualidade, que se preocupam em proporcionar uma experiência significativa para o leitor.

2.4 Literatura e seu papel na mediação: um olhar para a literatura infantil e juvenil de qualidade

Para falar de mediação de leitura é essencial se atentar à literatura utilizada para formação de leitores, assim como, é fundamental fornecer acesso a livros e incentivar a formação de um acervo de qualidade e que amplie o repertório do leitor. Essa arte de escrever e criar é entendida por Antônio Candido, crítico literário e sociólogo, como uma manifestação universal do homem, que ocorre em diferentes épocas, e é uma possibilidade de se estar em contato com a fabulação.

Chamarei de literatura, de maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (Candido, 1977, p.176).

Dessa forma, podemos concluir que a literatura surge a partir da necessidade de pensar sobre as coisas do mundo, registrando de forma criativa as situações e vivências do cotidiano, assim como, abre portas para possibilidades de conhecimento, ao mesmo tempo em que fomenta a fabulação e o prazer por meio de narrativas fantasiosas e simbólicas, que fomentam o imaginário.

Ainda de acordo com o mesmo autor, a literatura é considerada como uma necessidade universal, que enriquece a maneira de ver o mundo e de ser na sociedade, trazendo questões sociais, logo, deve ser oportunizada para todos, garantindo a literatura como um direito. Portanto, essa arte ocupa um papel significativo nas vidas das pessoas, assim como, é preciso que

[...] insurja enquanto um encontro entre pessoas e que ela contribua para a vivência dos leitores, trazendo em si o mundo tal como ele se nos apresenta, com “altos e baixos, luzes e sombras”, e que ela nos permita o acesso a todos os tipos de manifestações culturais, da cultura popular à cultura erudita (Carvalho, 2001, p. 62).

Diante das diversas possibilidades da Literatura, que abarca diferentes gêneros, contextos sociais e culturais, e que aflora a criatividade da linguagem e palavras expressadas por meio da arte, fazendo-se presente para diferentes públicos, destacam-se a Literatura Infantil e Juvenil, a qual é repleta de autores renomados, histórias clássicas e contemporâneas, que tem como público alvo crianças e adolescentes.

Nos livros escritos nesse ramo da literatura, encontra-se uma preocupação com sua qualidade literária, entendendo o livro como um objeto cultural que não subestima a capacidade do leitor de entender as histórias e de se relacionar com ela de forma subjetiva. Nesse sentido, discute-se critérios de seleção de histórias da Literatura Infantil, auxiliando nas propostas de mediações e nas experiências de leitura compartilhada, como por exemplo, ao escolher um livro, analisar a qualidade temática, textual e visual do material literário. Paiva (2016, p.32) destaca três aspectos fundamentais que devem ser considerados na avaliação de livros desse tipo de literatura: a qualidade textual, a qualidade temática e a qualidade gráfica.

Quanto ao primeiro critério, o autor reforça a estrutura da história e como a narrativa é apresentada, considerando tanto o estético, quanto o imagético, logo, tem-se também, uma preocupação com o aspecto verbal da narrativa e em como o livro vai fazer sentido para o leitor, aguçando seu interesse e ampliando seu repertório. Nesse quesito, é importante avaliar como a narrativa foi construída, seja nos acontecimentos, personagens, disposição das palavras e escolha de um vocabulário que não duvide da capacidade do leitor, mas que o conceda oportunidade de interpretação e motive-o a se relacionar com o material.

A qualidade textual de uma obra se revela, basicamente, nos aspectos éticos, estéticos e literários, na estruturação da narrativa, poética ou imagética, numa escolha vocabular que não só respeite, mas também amplie o repertório

linguístico de crianças na faixa etária correspondente à Educação Infantil (Paiva, 2016, p.32).

Falando agora sobre a qualidade temática da obra, Paiva (2016, p. 34) escreve que “se manifesta na diversidade e no tratamento dado ao tema, no atendimento aos interesses das crianças, aos diferentes contextos sociais e culturais em que vivem e ao nível dos conhecimentos prévios que possuem”. Nesse aspecto, é preciso que a escolha das obras considere temas que interessem às crianças e às infâncias, dialogando com diversidade presente no mundo e os diferentes cenários da sociedade, promovendo reflexão tanto sobre si e suas vivências, quanto sobre o outro.

Por fim, a qualidade gráfica, que está relacionada com um projeto editorial que seja atrativo e enriqueça a experiência de leitura, valorizando o visual e a originalidade da obra, assim como, que se comunique com o próprio livro, em seu aspecto textual e temático. Dentre alguns pontos, destaca-se: capas e ilustrações atraentes, escolha das fontes, espaçamento e cores adequadas, seleção de papel que permite melhor manuseio, recursos gráficos que possibilitem interação com o leitor, etc. Logo, conclui-se que:

A qualidade gráfica se traduz na excelência de um projeto gráfico capaz de motivar e enriquecer a interação do leitor com o livro. Chamamos de projeto gráfico a qualidade estética das ilustrações; a articulação entre as linguagens verbais e visuais; o uso de recursos gráficos adequados a crianças na etapa inicial de inserção no mundo da escrita (Paiva, 2016, p. 36).

Ainda no campo da seleção de acervo e com isso, a formação de repertório leitor, um livro de qualidade, de acordo com CARVALHO (2018, p.42), “envolve o leitor pelos detalhes, informações, linguagem e forma utilizada para apresentar os personagens e o cenário, que alimentam e cativam o seu imaginário e o levam para dentro da história”, logo, possui uma construção de texto cativante, envolvendo o leitor na narrativa.

Além do critério textual, a mesma autora destaca outros aspectos essenciais, os quais devem ser considerados nos momentos de escolha da história literária, sendo: editora, projeto gráfico, autoria, ilustração e narrativa, pois esse conjunto de fatores favorecem a experiência da criança.

Quanto a editora, deve-se considerar sua linha editorial a intenção por trás das publicações e comprometimento com as edições publicadas; o projeto gráfico, o qual envolve a escolha das fontes, cores e técnicas de ilustração que façam sentido com o texto; autoria, ou seja, se o texto é assinado por alguém e se é escrito de acordo com

as regras ortográficas; ilustração, ressaltando a coerência das ilustrações com o texto, ampliando a leitura e trazendo novas informações; e por fim, a narrativa, a qual deve conter aspectos que dialoguem com a experiência da criança e se a temática tratada não acompanha estereótipos e preconceitos, ou seja, a narrativa deve valorizar a diversidade humana, ampliando a visão de mundo da criança (Carvalho, 2018 p.42, 43).

A partir das referências trazidas neste capítulo, podemos dividir os critérios de seleção de livros de qualidade em três grandes categorias, ressaltando algumas perguntas norteadoras no momento de aquisição das obras e formulação de um acervo de literatura infantil e juvenil. Baseado nos estudos do levantamento teórico e das contribuições dos autores já citados neste trabalho, o quadro a seguir busca mapear algumas perguntas para auxiliar nesse momento de decisão, no qual o mediador de leitura poderá refletir no momento de escolha de um bom livro para ler ou contar.

Quadro 2: Perguntas norteadoras para seleção de livros infantis e juvenis com qualidade literária

Critério de seleção para qualidade literária	Descrição	Perguntas norteadoras para aquisição de livros infanto-juvenis de qualidade
Qualidade textual e de linguagem	Relacionada com a construção da história, a partir do aspecto verbal/escrita, ampliando o repertório linguístico do sujeito, assim como, possui uma boa construção dos personagens, cenário e detalhes no enredo, envolvendo o leitor e seu imaginário, e não duvidando da sua capacidade de compreender a história.	Quanto ao texto: - É reconhecido por uma autoria e conta com equipe de revisão? - Possui palavras que vão ampliar o repertório linguístico do leitor? - Possui uso de figuras de linguagem e explora o vocabulário? - Explora diferentes linguagens no verso e prosa, incentivando a leitura em voz alta e a sonoridade do texto?

		<p>- Como se dá a disposição das palavras no livro? É possível ter uma boa experiência estética com a linguagem verbal e ilustrações?</p>
Qualidade temática e de narrativa	<p>Diz respeito ao tema tratado no livro, de forma a promover reflexão das crianças sobre si e sobre o outro, a partir de uma narrativa que dialoga com as infâncias, seja por trazer identificação pessoal ou por apresentar um novo mundo. Considera-se a valorização das diversidades, diferentes contextos sociais e culturais, assim como, acontecimentos históricos.</p>	<p>Quanto ao tema:</p> <ul style="list-style-type: none"> - É de interesse das crianças/adolescentes e dialoga com suas experiências, anseios e desejos? - Possibilita que o leitor amplie sua visão de mundo? - O livro apresenta personagens diversos e que não são estereotipados, valorizando a diversidade humana? - Incentiva que o leitor conheça outras realidades e contextos sociais e culturais?
Qualidade gráfica e visual	<p>Referente ao projeto editorial do livro, sendo atrativo e que favoreça a experiência de leitura através da coerência entre as ilustrações e o texto, os elementos gráficos do material. Destaca-se a intenção da editora no uso da fonte, cores, elaboração da capa, contracapa e orelhas, e das informações contidas nessas partes, uso do papel, formato do livro, resultando assim, em uma experiência visual que envolve o</p>	<p>Quanto ao projeto gráfico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Possui uma editora e equipe editorial (geralmente apresentado nas primeiras páginas do livro, indicando direção, coordenação e/ou assistência editorial), com uma boa linha editorial? - A fonte, distribuição do texto nas páginas e a técnica de ilustração são adequadas e permitem uma leitura fluida? - O livro apresenta uma capa, contracapa, lombada, orelhas e/ou páginas atrativas, e que

	leitor com o material literário.	<p>possui informações necessárias sobre a obra e aqueles envolvidos na sua construção, fomentando o interesse de ler o material?</p> <p>- A escolha do papel e material da capa e quarta capa são adequados para manusear o livro?</p> <p>- O projeto possibilita interação com o leitor e traz informações novas (não explícitas no texto)?</p>
--	----------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023)

Portanto, o cuidado ao escolher a literatura ideal para se trabalhar nas atividades de mediação é um fator essencial tanto para quem medeia, quanto para os sujeitos alvos, pois essas atividades devem ser pautadas no diálogo entre todos os envolvidos, trazendo sentido à realidade e expectativas dos pequenos leitores. É evidente que a literatura infantil de qualidade é uma fonte de informação que deve ser estudada, utilizada e incentivada pelo bibliotecário, mas não é a única preocupação do mediador, pois cabe a este se atentar às diferentes experiências que envolvem o uso de um material literário, preparando assim, uma mediação bem-sucedida.

Em vista às possibilidades de uso da literatura para mediação de leitura, faz-se necessário ampliar o entendimento do ato de ler e contar histórias, pois os livros infantis e juvenis são objetos fundamentais para ambas as ações e possibilitam diferentes vivências para o leitor.

2.5 Ler e contar histórias: proximidades e diferenças para mediação

Dentre as atividades de mediação de leitura, destacam-se o ato de ler a história sendo fiel a linguagem escrita, e também, o ato de contar a história a partir da linguagem oral. Evidenciando as semelhanças entre essas duas ações, entende-se que alguns pontos em comum entre o ato de ler e contar histórias:

A começar pela possibilidade de exercício da imaginação que as histórias promovem e de identificação de ouvinte com os enredos e personagens, sem deixar de lado o fato de serem situações que envolvem uma experiência afetiva rica entre adultos e crianças, que demanda emoção e sentimentos dos dois lados, tanto do adulto que lê ou conta, quanto da criança que ouve (Carvalho, 2018, p. 27).

Ambas ações aproximam a literatura com a criança, e ainda, abraçam o exercício da imaginação e fomentam uma relação dialógica de contato próximo do mediador com o leitor, promovendo uma vivência de acolhimento, afeto e emoções despertadas pelo material mediado e interação social. Ademais, ler e contar se configuram como estratégias primordiais para incentivar a leitura independente da criança, pois após ter contato com a narrativa lida ou contada, o leitor poderá, posteriormente, envolver-se com a leitura solitária, revisitando a história sozinho e tendo uma nova experiência com o livro.

Por outro lado, é possível destacar algumas diferenças entre tais práticas: na leitura compartilhada, o livro é o centro da mediação e pode ser explorado, valorizando seu texto literário, ilustrações e todos os detalhes do projeto gráfico, e neste caso, destaca-se a linguagem escrita, pois o texto é sempre o mesmo e guarda consigo um bem cultural. Já na narração de histórias, valoriza-se a linguagem oral, abrindo espaço para a improvisação e a utilização de recursos visuais, sonoros e lúdicos que vão favorecer a imaginação do ouvinte, logo, nesta ação, o contador pode mostrar sua capacidade criativa, seja por meio de histórias da tradição oral ou de livros publicados.

Buscando explicar as contraste que essas duas práticas possuem, GUILHERME (2013, s/p.) destaca que a leitura com o livro “vale para valorizar o suporte e o que está escrito, mostrar de onde vem aquela história e de que forma ela está escrita, tal qual o fez o autor”, enquanto na contação de histórias “há a possibilidade da improvisação, de utilização de elementos da linguagem oral, do contador se colocar em uma posição em que há maior contato visual com as crianças e uma maior interação”.

Diante do exposto e entendendo que há aproximações e diferenças no ato de contar e ler histórias, fica evidente de que essas duas atividades são essenciais para mediação, pois abrem caminho para o incentivo da leitura e favorecem experiências diferentes com as linguagens, seja escrita ou oral, valorizando não só o objeto livro e suas possibilidades, como também, a história narrada oralmente a partir da criatividade e uso da voz do contador.

2.6 Contação de Histórias: oralidade e performance

Desde a antiguidade, as pessoas buscam compartilhar histórias, relatando suas vivências e saberes cotidianos, mantendo assim, suas narrativas e comunicação pela oralidade. Dessa forma, nota-se que a contação de histórias, enquanto arte milenar e prática presente no cotidiano das pessoas, foi responsável por difundir histórias e manter viva a memória da sociedade, assim como, por guardar na cultura as diversas narrativas tradicionais, sendo contadas e recontadas de geração em geração.

Desde sempre, o homem contou histórias, deu vazão à sua intrínseca necessidade de comunicação, traduzindo, por meio de palavras, os acontecimentos cotidianos, as memórias transmitidas por seus ancestrais, as dúvidas, alegrias, angústias e prazeres de sua existência. Em tempos passados era ao redor de uma fogueira que pessoas se reuniam para escutar os mais velhos narrarem suas aventuras, lembranças e ensinamentos (Fleck, 2007, p. 219).

Dessa forma, desde as sociedades primitivas, a humanidade foi se formando pelas histórias, pois as pessoas sempre se expressavam e compartilhavam suas vivências e leituras de mundo, logo, a narrativa oral se fez imprescindível antes mesmo da linguagem escrita. Para tal, destaca-se a figura do contador de histórias, responsável por difundir os diversos contos e causos, valorizando a cultura popular e diferentes povos e regiões.

Antigamente, os contadores de histórias estavam presentes em rodas de fogueira, quando as pessoas se reuniam para ouvir os mais velhos. Nesses meios sociais, nos quais havia partilha de saberes, criações de histórias e contos e recontos de narrativas populares fantasiadas pelos contadores e demais ouvintes, criou-se um acervo de lendas e contos tradicionais, os quais favoreceram a cultura popular de suas regiões.

Todo esse acervo mítico da humanidade, agora perpetuado pela escrita e outros recursos, foi transmitido pelo contador de histórias - que recebeu nomes diferentes nos diferentes locais por onde passou: rapsodo para os gregos, bardo para os celtas, griot para os africanos, que narrava de aldeia em aldeia os ensinamentos ouvidos por seus ancestrais, ou por seus mestres, como fizeram os tantos discípulos de Cristo e Buda (Busatto, 2008, p. 26).

A princípio, a contação se destaca como uma prática voltada à oralidade e comunicação, pautada nas histórias contadas de boca a boca e mantendo viva a

memória da sociedade e suas vivências e contos, assim como afirma Botelho (2018, p. 13) "Antes de haver algo escrito no papel, da existência de contos, romances, notícias escritas e registradas em livros e jornais, entre outros tipos de suporte, anterior à web, existia a narração, e persiste o contar um caso", mas isso muda com o tempo, quando tem-se as histórias registradas em suportes informacionais, ressaltando o uso da linguagem escrita e do livro enquanto objeto literário.

Posteriormente, com o avanço da escrita e a invenção da imprensa, o contador de histórias passou a utilizar livros e jornais para realizar essa prática, mantendo ainda, os contos tradicionais, estes que se consolidaram culturalmente. Um exemplo disso é o caso dos Irmãos Grimm e Perrault, figuras que coletaram e posteriormente registraram histórias contadas pelo povo, dessa forma, foram registradas pela escrita e publicadas ao longo dos anos, fazendo parte do acervo dos contadores de história até hoje (Mainardes, 2019. p. 3).

Portanto, tanto a palavra falada quanto a escrita são importantes na disseminação de histórias e informações, como justifica Bortolin (2010, p. 37) "Toda fala escrita ou oral tem a sua especificidade. A escrita, por exemplo, congela um texto e a oralidade dispersa". Ampliando o entendimento sobre oralidade, Walter Ong indica alguns conceitos

Designo como "oralidade primária" a oralidade de uma cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da impressão. É "primária" por oposição à "oralidade secundária" da atual cultura de alta tecnologia, na qual uma nova oralidade é alimentada pelo telefone, pelo rádio, pela televisão ou por outros dispositivos eletrônicos, cuja existência e funcionamento dependem da escrita e da impressão (Ong, 1998, p. 16).

Junto a essas definições, Paul Zumthor elege as seguintes categorias distintas de oralidade: primária, mista e secundária. Fleck ressalta que Zumthor, em seus estudos,

[...] menciona a existência de três formas distintas de oralidade: a primária, aquela em que não se tem nenhum contato com a escrita; a mista, onde a oralidade convive com a escritura apesar de exercer pouca influência no cotidiano; e a secundária em que a apropriação da escrita possibilita a manutenção do oral. (Zumthor, 1993, p. 18 apud Fleck, 2007, p. 219).

Diante desses conceitos de oralidade e entendendo que esta está estritamente relacionada com a contação de histórias, pois pela oralidade que o narrador difunde histórias, busca-se relacionar e destacar algumas dessas categorias, a começar pela oralidade primária. Esse tipo de oralidade tem o papel de preservar as memórias por

meio da comunicação e não possui a presença da escrita ou impressão, logo o que se destaca é a palavra falada e as pessoas que, por meio da comunicação oral, contavam histórias.

Já a oralidade secundária conta com a presença da escrita, por meio das histórias escritas e armazenadas, pois como afirma Schneid (2011, p. 15) “A sociedade estruturada a partir da escrita tinha uma vantagem no armazenamento de informação, que era o fato de terem uma estrutura física guardando-a por meio de caracteres simbólicos.” Logo, o oral se utiliza da escrita, ou seja, os narradores contam o que está registrado nos recursos informacionais e seu suporte.

Por fim, destaca-se a nova oralidade, esta que está vinculada ao digital. Faz-se necessário trazer esse destaque, pois a tecnologia e as mídias eletrônicas são ferramentas essenciais para as histórias contadas no meio digital, o que é comum na atualidade. Com base nos estudos de Pierre Lévy, Schneid (2011, p. 15) explica que “Essa nova oralidade se caracteriza muito mais pelo hipertextual, pela conexão de mídias e de pessoas de uma forma diferente, porém análoga à da oralidade primária, mas agora através da utilização de máquina como veículo de comunicação”.

Portanto, compreende-se que tanto a escrita quanto o oral fazem parte da atividade de contação de histórias e com isso, apropriando-se da oralidade e das diversas histórias, os contadores utilizam tanto dos causos e lendas populares quanto de narrativas escritas, que podem ser originais de algum autor ou até mesmo adaptações e recontos publicados em algum suporte informacional.

O contador que utiliza da oralidade primária é o contador tradicional, sendo aquele que utilizava somente as histórias faladas, como por exemplo, narrando acontecimentos do cotidiano e causos, como também, histórias tradicionais e da cultura popular, que podem ter diferentes versões, pois são contadas e recontadas de boca a boca, ou seja, apenas oralmente. Esse tipo de contador já não é frequente, pois como também afirma Fleck (2007, p. 219) “Ainda hoje, a oralidade norteia a cultura popular, mas o narrador tradicional, aquele que se servia exclusivamente da “oratória”, vem desaparecendo”.

Diferentemente do tradicional, atualmente destaca-se o contador de histórias contemporâneo, este que realiza apresentações mais elaboradas e é influenciado pelo viés artístico, utilizando elementos lúdicos para tornar a sua apresentação um ato performático. Fleck (2007, p. 220) explica algumas características desse tipo de narrador, diferenciando-o do tradicional, quando diz que “O contador de histórias do

século XXI apresenta seu trabalho por meio de espetáculos de narração oral, performances artísticas elaboradas, com o domínio de técnicas corporais e vocais e critérios de seleção para a escolha de histórias”. Esse tipo de narrador ocupa espaços midiáticos e culturais

O que define também o contador contemporâneo é o fato de ser urbano, ou seja, vive e trabalha na cidade, ali também se manifestando. Ele carrega consigo as marcas de seu tempo, apropriando-se dos recursos tecnológicos e dos meios de comunicação em sua performance (Fleck, 2009, p. 36).

Com isso, nota-se que a arte de contar histórias atualmente, considerando o contador contemporâneo, abre espaço para a criatividade e uso de diferentes espaços e recursos, tornando esse momento algo ainda mais atrativo, logo, tem-se o uso da palavra falada, valorizando a oralidade, assim como, tem-se a complementação para uma arte performática, através do uso da voz e técnicas vocais, recursos como uso de música, elementos artesanais, lúdicos e que possibilite uma maior interação entre narrador e ouvinte. Schermack (2012, p. 3) reforça que “A contação de histórias permite a interação entre contador e ouvintes, já que contar histórias é arte performática. Quando a plateia deixa sua imaginação ser levada pela história, materializada no corpo e na voz do narrador, o ato performático se consolida”.

O contador de histórias é quem dá vida a narrativa, por meio de sua voz, corpo e gestos, possibilitando uma experiência afetiva, lúdica, imaginativa e de lazer para o público. Para esse profissional, a apresentação envolve um processo de criar, recriar e expandir suas habilidades criativas, para que os ouvintes sejam tomados tanto pela sua expressão, como também pelo enredo da história contada e estejam interessados neste momento de encantamento.

A força de um narrador oral possivelmente reside na sua capacidade de ordenar o mundo através das histórias. Sua voz, seu gesto, sua expressão intensificam o momento vivido. Os contadores prendem a atenção de seu público, levando-o ao mundo conhecido e desconhecido. A atuação, a performance do contador, tem que ser de grande intensidade, com certa essência de verdade, na qual se reflete a imagem humana inclusive com suas imperfeições e sentimentos (Grossi, 2016, p. 22)

Diante das possibilidades que as novas tecnologias proporcionam, a arte da contação de histórias começou a ocupar outros meios, além da presencial, como a televisão e a internet. Dessa forma, os contadores de histórias contemporâneos foram adaptando sua prática performática para serem transmitidas através da reprodução audiovisual pelos equipamentos de comunicação e redes.

Um exemplo são os programas transmitidos pela TV, como o programa Rá-Tim-Bum, através do quadro “Senta que lá vem a História”, transmitido originalmente pela TV Cultura na década de 1990. Nesse quadro, os vídeos contavam com uma produção visual e sonora, pois os narradores utilizavam objetos, fantasias, músicas e efeitos visuais e sonoros para compor o cenário e a história.

Outro programa desse mesmo canal, a TV Cultura, é o “Quintal da cultura”, o qual começou a ser exibido em 2011 e contava com o quadro “Era uma vez no quintal”, iniciado em 2014, no qual atores e atrizes que interpretavam personagens fictícios e contavam suas aventuras. Os profissionais utilizam técnicas vocais, vestimentas coloridas e diferentes, assim como um cenário repleto de cores e recursos visuais

Também, destaca-se o “Contarolando”, programa estreado em 2015, exibido pela TV Globo de Pernambuco e apresentado pela contadora de histórias Carol Levy, no qual contava histórias e também utilizava músicas cantadas em seu repertório. Ainda, o programa contava com recursos lúdicos e edições de vídeo com animações e efeitos sonoros, tornando a performance da contadora mais produzida, e com isso, intrigante.

Além da TV, destaca-se o uso das redes sociais, como Facebook, Instagram e de plataformas de distribuição de vídeo, como por exemplo o *youtube*, para promover a narrativa oral e o trabalho do contador de história. As redes de relacionamento no meio digital e as plataformas de distribuição de vídeo contribuem para disseminar as produções feitas pelos contadores, ao mesmo tempo em que servem para compartilhar as suas experiências e práticas profissionais acerca da mediação de leitura pelo ato e arte de contar histórias, preservando assim, a memória da sociedade em que vivem (Santos, 2018, p. 134).

Assim, atualmente a *internet* é um meio de atuação de destaque, e embora não substitua a contação presencial, a qual permite uma relação mais direta com o público, possibilita o incentivo à leitura e interação por meio das ferramentas disponíveis nas próprias redes sociais, como comentários, curtidas e videochamadas. Logo, entende-se que a *internet* se apresenta como uma das possibilidades de atuação do narrador de história e embora não seja a mesma coisa que no presencial, tem-se a sua valorização:

A Internet se apresenta como um universo de vastas possibilidades, sendo o primeiro meio que engloba todas as mídias – texto, áudio ou vídeo. É não-linear, graças à rede mundial de computadores e ao emaranhado de hiperlinks. É inerentemente participativa – e não apenas interativa, haja vista

seu caráter constantemente instigador, encorajando o usuário a comentar, a contribuir da maneira que escolher (Alves, 2012, p. 19).

Há diversos canais de destaque que utilizam desse universo publicando e transmitindo suas ações de narrar histórias, assim como, difundem suas práticas profissionais e experiências, como os canais no *youtube* “Fafá conta histórias”, “Varal de Histórias”, “O Baú da Camilinha”, “Mari Bigio - Cordel Animado”, entre outros. Já restringindo para bibliotecários que utilizam das plataformas digitais para promover o trabalho de contação de histórias, pode-se elencar alguns perfis no *youtube*, como “Felícia Fleck” e “Simbora Contar Histórias, por Patrícia Bezerra”, assim como, alguns projetos no *instagram*, como por exemplo, a “@gabsthelibrarian” da Gabriella Santiago e o “@compartilhandolivroseleituras” da Sílvia Fortes.

Atualmente, o ambiente digital se apresenta como uma forte aliada para a divulgação e realização da arte de contar histórias, abrindo espaço para os recursos tecnológicos e ampla participação de público, pois está presente em diversas redes sociais e plataformas de distribuição de vídeos. Deste modo, tem-se uma variedade de instrumentos que permite uma boa construção de narrativa e atuação performática no meio digital por parte do narrador, através do uso de imagens, objetos, animações, efeitos especiais, músicas, efeitos sonoros, programas e aplicativos para edição de vídeo, entre outras ferramentas.

Fica evidente que, para trabalhar sua arte performática, seja no ambiente presencial ou no virtual, é necessário que o contador busque estratégias para contribuir com sua atuação, de modo que seja possível, utilizar os recursos adequados, favorecer as técnicas que tornam a contação mais profissional, e as ações de preparo individual que vão garantir uma apresentação bem-sucedida.

Visto as diversas possibilidades de atuação, as bibliotecas também começaram a ocupar o meio digital, criando contas em redes para divulgar seus serviços, e também, incentivar a arte performática da contação de histórias, pois é de extrema importância nas ações das bibliotecas que atendem crianças, considerando que essa prática traz diversos benefícios para os pequenos leitores que estão em formação. No que diz respeito ao ambiente educacional, as bibliotecas escolares se consolidam como um fomentador da imaginação por meio da oralidade e do uso dos recursos tecnológicos e lúdicos, a favor da criatividade e da formação da criança, desde o início da sua aprendizagem para ser leitor.

2.7 Laços entre a contação de histórias e a biblioteca escolar

Contar e ouvir histórias, seja presencialmente ou virtualmente, é de extrema importância para a formação da criança, pois as narrações de histórias possibilitam sentir e viver emoções, assim como, ampliar a visão de mundo, de forma imaginativa e com narrativas que trazem sentido à vida dos pequenos ouvintes. Para Abramovich (1989, p. 17), “ouvir histórias é uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos”.

Quanto ao imaginário infantil, a fantasia concedida pelas histórias incentiva o gosto pela leitura, a curiosidade, criação de contos com cenários fictícios e personagens cativantes, identificação com o enredo da trama e os acontecimentos contados, encantamento e imaginação pelas aventuras narradas, assim como, abre caminhos para descobertas, contribuindo para sua formação:

A contação de histórias está ligada diretamente ao imaginário infantil. O uso dessa ferramenta incentiva não somente a imaginação, mas também o gosto e o hábito da leitura; a ampliação do vocabulário, da narrativa e de sua cultura; o conjunto de elementos referenciais que proporcionarão o desenvolvimento do consciente e subconsciente infantil, a relação entre o espaço íntimo do indivíduo (mundo interno) com o mundo social (mundo externo), resultando na formação de sua personalidade, seus valores e suas crenças (Mateus, 2013, p.55).

Diante dessa realidade, a prática de narrar histórias deve ser destaque na biblioteca escolar, por fazer parte de um ambiente educacional, e com isso, contar com um público que ainda está em formação, compreendendo, sobretudo, os anos iniciais da educação básica. Nesse sentido, Belluzzo (2008, p.12) afirma que “[...] a biblioteca sem a educação, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura e a pesquisa será, por seu lado, um instrumento vago e incerto”. Logo, a biblioteca não deve ser um espaço que se difere do fazer educacional, pelo contrário, deve ser responsável por desenvolver atividades culturais e educativas, que estimulem a leitura e que, no contexto escolar, seja mais um apoio pedagógico para a escola, assim como, a própria unidade escolar também precisa reconhecer isso.

A escola que pretenda investir na leitura como ato verdadeiramente cultural não pode ignorar a importância de uma biblioteca aberta, interativa, espaço livre para a expressão genuína da criança e do jovem. Lugar, insistimos, para se gestar e praticar a troca espontânea que a leitura crítica proporciona, a leitura inquieta, que faz pensar e reelaborar num autêntico processo de comunicação, cujo resultado é, sem dúvida, dos mais compensadores para as pessoas nele envolvidas, adultos e crianças, mediadores e leitores em formação (Carvalho, 2002, p.23)

Estabelecendo seu compromisso com a escola, a biblioteca escolar atua juntamente com a unidade educacional e sua dinâmica, cooperando para que haja construção do conhecimento, enriquecimento cultural e formação de leitores (Cortê, 2011, p. 8). Logo, é um organismo vivo que estabelece parcerias com outros educadores e atua para a formação dos alunos por meio das atividades de mediação da informação e mediação de leitura.

Como já abordado anteriormente, a contação de histórias é uma prática de mediação essencial na formação dos estudantes, devido a seus benefícios e impacto positivo na vida das crianças, inclusive, estabelecendo-se, muitas vezes, como um primeiro contato da criança com a leitura. Reforçando essa perspectiva,

Pode-se afirmar que a contação de história é ferramenta imprescindível para a mediação da leitura no ambiente escolar, contribuindo inexoravelmente para o incentivo à leitura. A prática da contação de histórias abre portas para o aluno ir em busca de novas leituras e descoberta (Silva, 2017, p. 42).

A parceria entre a biblioteca e a escola pode ser significativa, pois através do uso de seu acervo literário, atividades educacionais e práticas de contação de histórias, o bibliotecário se constitui como um aliado ao desenvolvimento pedagógico do aluno.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, sendo um estudo teórico e descritivo, com procedimentos para a coleta de dados de ordem bibliográfica e através de conteúdo arquivístico de ordem pessoal, apresentados por meio do Relato de Experiência (RE). Para a sistematização e descrição do trabalho, compreendendo a exposição descritiva das atividades a serem analisadas e discutidas, foram utilizados relatos disponíveis em ambiente virtual, assim como, postagens em redes sociais e arquivos pessoais do autor.

Quanto a revisão de literatura, Gil (p. 176, 2010) aponta que a pesquisa bibliográfica se desenvolve ao longo de uma série de etapas, como escolha do tema, um levantamento preliminar da história, formulação do problema, elaboração do plano provisório do assunto, busca de fontes, leitura de material, fichamento, organização lógica do assunto e redação do texto. Logo, a revisão de literatura se pautou em um processo de levantamento e fundamentação teórica, a partir da sistematização acerca dos temas de contação de história, mediação de leitura e biblioteca escolar. Para tal, a etapa de protocolo de busca ocorreu tanto em livros físicos e digitais (*ebooks*), quanto na Plataforma Lattes, através dos recursos artigo e dissertação.

Com relação à busca inicial na Plataforma Lattes, na qual utilizou-se a expressão "Mediação E Ambiente escolar", houve um retorno alto, causando dispersão no assunto. Por exemplo, os resultados abordam em seus assuntos, título, resumo e palavras-chave, tópicos como: Mediação de Vygotsky; Mediação de conflito no ambiente escolar a partir da visão da psicologia; Mediação da agressividade e violência no ambiente escolar, através da psicanálise, entre outros. Em função disso, optou-se por restringir a estratégia de busca, trabalhando então com a expressão "Mediação de Leitura E Ambiente escolar", obtendo assim resultados mais condizentes com o objetivo e tema do trabalho.

Para coleta e discussão de dados sobre as atividades realizadas pelo PET BCI UFSCar, utilizou-se dados provenientes dos relatos das atividades em que o autor participou, considerando os anos de 2019 a 2022, os quais estão disponíveis no site do projeto.

Também, para o relato de experiência de estágio, utilizou-se a primeira edição da revista digital Cooperação, elaborada e disponibilizada pela própria concedente do referido estágio no ano de 2021, a Educativa. Já para as demais descrições, foram

utilizados conteúdos, anotações e imagens do arquivo pessoal do autor, assim como, materiais disponíveis publicamente.

Portanto, a partir da revisão de literatura e levantamento de dados, buscou-se aplicar o método de Relato de Experiência, considerando a seguinte afirmação:

Então, a RE em contexto acadêmico pretende, além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante) (Mussi, 2021, p. 64).

Entende-se que esse tipo de produção do conhecimento é necessário no ambiente acadêmico, sobretudo no contexto desse trabalho, que busca relacionar a experiência do graduando de Biblioteconomia e Ciência da Informação com projetos de mediação de leitura e contação de histórias, assim como, com demais atividades complementares e estágios, trazendo identificação para aqueles discentes que se interessam com esse tipo de atividade.

Essas experiências, como PET BCI, estágios obrigatórios e não obrigatórios e atividades extracurriculares são essenciais na formação dos universitários, visto que abarcam os pilares de ensino, pesquisa e extensão, e que também, são atividades integradoras da grade curricular obrigatória para conclusão do curso superior, e nesse contexto de vivência acadêmica e profissional, justifica-se o uso do Relato de Experiência como uma metodologia que gera resultados a partir da união dos campos teórico e prático.

O relato de experiência é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica (Mussi, 2021, p. 65).

Deste modo, como embasamento, será utilizado um modelo de roteiro, sendo uma referência para o desenvolvimento deste trabalho, possibilitando, a partir dos elementos destacados em cada seção do roteiro, a construção deste Relato de Experiência, e contemplando assim, as informações necessárias para uma escrita e descrição válida. Os elementos abordados no quadro 3 são guias facilitadoras para o desenvolvimento de um relato de experiência, logo, o material foi adequado para viabilizar a sistematização descritiva das ações feitas pelo autor no âmbito da mediação.:

Quadro 3: Sugestão de roteiro para construção do Relato de Experiência

SEÇÃO DO ARTIGO	ELEMENTOS DA SEÇÃO	PERGUNTA FACILITADORA PARA DESCRIÇÃO	TIPOS DE CATEGORIAS (DESCRIÇÃO)
Introdução	1. Campo teórico	- Quais são os conceitos chaves do tema? - Qual a importância deste relato? - Por que escrever este relato? - Adveio de qual problema?	Referenciada
	2. Objetivo	Qual o objetivo deste relato?	Informativa
Materiais e Métodos / Procedimentos metodológicos	3. Período temporal	Quando (data)? Quanto tempo (horas, dias ou meses)?	Informativa
	4. Descrição do local	Quais são as características do local e onde fica situado geograficamente (cidade, estado e país)?	Informativa
	5. Eixo de experiência	Do que se trata a experiência?	Informativa
	6. Caracterização da atividade relatada	Como a atividade foi desenvolvida?	Informativa
	7. Tipo da vivência	Qual foi o tipo de intervenção realizada?	Informativa
	8. Público da ação interventiva	Qual o perfil ou características destas pessoas?	Informativa
	9. Recursos	O que foi usado como material na intervenção?	Informativa

	10. Ação	O que foi feito? E como foi feito?	Referenciada
	11. Instrumentos	Quais foram as formas e materiais utilizados para coletar as informações?	Referenciada
	12. Critérios de análise	Como ocorrerá a análise das informações?	Referenciada
	13. Eticidade	De quais formas houve o cuidado ético?	Informativa
Resultados	14. Resultados	Quais foram os resultados advindo da experiência? Quais foram as principais experiências vivenciadas?	Informativa
Discussão	15. Diálogo entre o relato e a literatura	Quem (na literatura) pode dialogar com minhas informações do relato?	Dialogada
	16. Comentário acerca das informações do relato	Quais nexos complementares podem ser feitos com os dados da experiência?	Dialogada
	17. Análise das informações do RE	Quais reflexões críticas o texto faz? Como os resultados desta experiência podem ser explicados por outros estudos? (artigos, outros RE, dentre outros)	Crítica
	18. Dificuldades	Quais foram os aspectos que dificultaram o processo? (Limitações) O que foi feito perante essas limitações?	Informativa

	19. Potencialidades	Quais foram os aspectos que potencializaram o processo?	Informativa
Considerações finais ou conclusão	20. Finalidade	O intuito do relato foi alcançado?	Informativa
	21. Proposições	Além do que fora realizado, o que mais poderia ser feito?	Informativa
Referência	22. Citação	Quais estudos foram usados para a construção do RE?	Informativa

Fonte: MUSSI (2021, p. 66)

Também, no campo da sistematização e da descrição das experiências vividas, serão preenchidos alguns tópicos básicos para entendimento da história utilizada e para caracterização da atividade relatada, como: título da história, sendo livro, conto, lenda ou outro tipo de material literário; a editora; autoria do texto; autoria das ilustrações -quando houver-; local da ação, indicando se foi uma escola, projeto, biblioteca - aqui, ressaltando seu tipo, se pública, escolar ou outra-, ou alguma outra instituição; formato em que a atividade aconteceu, informando se foi presencialmente ou virtualmente; qual foi o público participante, podendo variar entre estudantes da educação básica, seja da etapa infantil ou do fundamental 1, e leitores frequentadores das bibliotecas, ou ainda seguidores das redes sociais dos projetos e organizações; por fim, o tópico de descrição, destinada a elucidar a vivência e seus detalhes, para melhor explicar como a intervenção foi realizada, quais recursos foram utilizados e em qual contexto ocorreu.

Através dos tópicos elencados para exposição das histórias narradas e lidas, será feita uma discussão e análise de caráter qualitativo à luz de referencial teórico e observação das próprias intervenções realizadas, destacando elementos essenciais relacionados aos temas de contações de histórias e leitura de livros, como: o uso de literatura de qualidade para infância, as editoras, autores e ilustradores relevantes e de renome para o público infanto-juvenil, assim como, o envolvimento do contador de histórias, a partir de seus recursos e técnicas voltadas a oralidade e ludicidade.

Quanto à voz do trabalho e por conta da própria configuração da própria pesquisa, sendo, um trabalho que apresenta um relato de experiência, serão utilizadas diferentes vozes: para a construção do referencial teórico, será utilizado o verbo na voz ativa e a terceira pessoa do singular, no entanto, para a elaboração da sistematização, também será utilizado a primeira pessoa do singular.

4. RESULTADOS

Neste capítulo será feita uma sistematização descritiva, mapeando as contações de histórias e momentos de leitura compartilhada, realizadas pelo autor durante sua vivência universitária no curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Para tal, destacam-se três segmentos de atuação em que o autor se vinculou: participação no Programa de Educação Tutorial de Biblioteconomia e Ciência da Informação na Universidade Federal de São Carlos; estágios supervisionados, sendo a biblioteca da Educativa - Cooperativa Educacional de São Carlos, e a Biblioteca Municipal Prof. Isabel Hyppolito; e por último, a participação em projetos complementares durante sua formação acadêmica, incluindo monitoria na disciplina “Leitura e Cultura” do Departamento de Ciência da Informação, festivais relacionados a área da educação e bibliotecas, como também, parcerias com setores educativos e culturais.

Quanto às descrições das atividades que serão feitas, considerando a configuração da própria pesquisa, será utilizado a primeira pessoa do singular ou plural, com a finalidade de melhor detalhar e apresentar as práticas realizadas, abrindo espaço e dando mais liberdade para a escrita do autor e suas explicações.

Com relação as figuras do acervo pessoal do autor, utilizadas neste trabalho para ilustrar as atividades executadas, todas as imagens foram autorizadas para divulgação em repositório institucional.

4.1 Práticas realizadas pelo Programa Educação Tutorial em Biblioteconomia e Ciência da Informação

O Programa de Educação Tutorial passou a integrar o curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação, mediante aprovação de projeto apresentado ao MEC/SeSU, Edital nº 09 - PET 2010, pela professora do Departamento de Ciência da Informação, Vera Regina Casari Boccato, e que também obteve apoio das docentes Luzia Sigoli Fernandes Costa e Luciana de Souza Gracioso para elaboração do projeto.

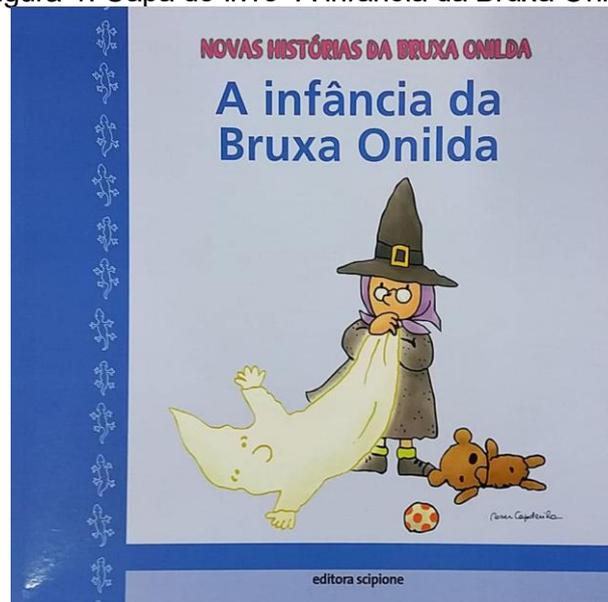
Desde a sua implementação, o grupo, formado por alunos do curso de BCI da UFSCar e um professor tutor do DCI da mesma universidade, realiza atividades integradoras de ensino, pesquisa e extensão, ampliando o contato dos graduandos

com as possibilidades de atuação profissional, assim como, campos de estudo da área.

As descrições seguintes serão feitas considerando as práticas que realizei enquanto membro do “Quitanda de Histórias”, um subgrupo dentro do PET BCI, responsável por desenvolver atividades de mediação de leitura e contação de histórias. Para tanto, serão consideradas práticas realizadas a partir do ano de 2019 até o ano de 2021, época em que o grupo contava com a orientação da docente tutora Paula Regina Dal’Evedove, esta que continua como orientadora do grupo atualmente.

História: A infância da Bruxa Onilda: na escola

Figura 1: Capa do livro “A infância da Bruxa Onilda”



Fonte: A editora

Autoria: Enric Larreula e Roser Capdevila

Editora: Scipione

Ilustração: Roser Capdevila

Local: Biblioteca Pública de Ibaté

Público: Alunos de Fundamental 1

Descrição: A atividade aconteceu na biblioteca pública de Ibaté, cidade do interior do estado de São Paulo, para alunos de ensino fundamental 1 de duas escolas públicas da cidade, em outubro de 2019. A escolha da história “Na escola”, presente no livro “A infância da bruxa Onilda”, aconteceu por conta da data comemorativa “Dia das

Bruxas”, e por ser um livro já usado em outros momentos de narração, sendo parte do meu repertório.

A instituição procurava uma parceria para comemorar essa data festiva e estimular a leitura de livros infanto-juvenis temáticos de fantasia. Deste modo, houve incentivo à leitura, ao mesmo tempo em que os alunos puderam conhecer o espaço da Biblioteca e seu acervo de literatura infantil e juvenil. O momento foi repleto de interações, incluindo musical.

Figura 2: Contação de histórias na Biblioteca Pública de Ibaté



Fonte: Acervo pessoal do autor

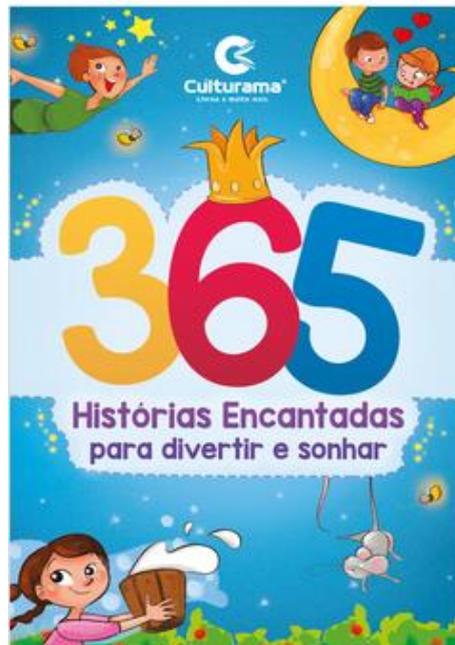
Para realização da atividade, como recursos, foram utilizados objetos que remetessem o Dia das Bruxas, como chapéu e capa de bruxa, caldeirão e abóbora de plástico, como também, elementos essenciais para a história, sendo uma coruja de pelúcia, representando a coruja Olhona, melhor amiga da bruxa Onilda, um livro de magia, mochila e itens escolares. Para encerrar de forma divertida, fizemos uma poção mágica com ingredientes diferentes e curiosos, através da interação com a música “O caldeirão da Bruxa Onilda”, canção de João Menelau, disponível no canal de *youtube* “O baú da Camilinha”, assim, cantamos e os alunos puderam sugerir ingredientes criativos para fazermos a poção da bruxa tão atrapalhada.

Posteriormente, em outubro de 2021, o PET BCI recebeu o convite da Biblioteca Sinhá Junqueira, localizada na cidade de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo, para fazer contações de histórias nas redes sociais da unidade. A parceria resultou em 5 gravações de vídeos, sendo que uma dessas produções é a contação da história “A infância da Bruxa Onilda: na escola”, dessa vez, contei a

história no formato virtual e dentro de um contexto de pandemia COVID-19, logo, foi necessário adaptar alguns recursos, como uma pequena almofada representando a coruja Olhona, amiga da personagem principal, e para isso, a almofada imitava o movimento de voo de uma coruja, e além disso, foi possível utilizar algumas técnicas de edição de vídeo, por meio do *software* Vegas Pro, como cortes entre a introdução, narração da história e encerramento da gravação, e utilização de efeito sonoro representando o som da coruja.

História: A velhinha, o coelho e a galinha

Figura 3: Capa do livro “365 histórias encantadas para divertir e sonhar”



Fonte: A editora

Autoria: Culturama

Editora: Culturama

Ilustração: Vanessa Alexandre

Local: Online - Redes Sociais

Formato: Vídeo gravado

Público: Seguidores do PET BCI

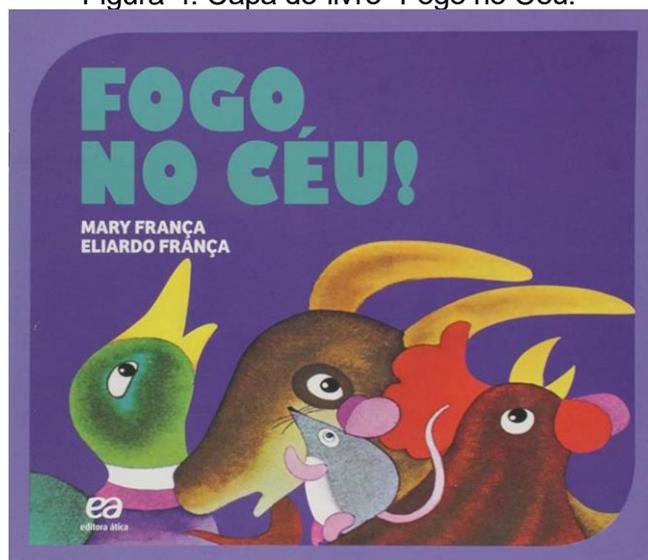
Descrição: Em abril de 2020, com o crescente casos de COVID-19 e a necessidade de isolamento social, as atividades de contação de história precisaram ser adaptadas para o formato virtual, logo, gravei o primeiro vídeo realizando uma narração de histórias, o qual foi postado nas redes sociais do grupo, em comemoração à Páscoa,

sendo uma adaptação do conto “A velhinha, o coelho e a galinha”, presente no livro “365 Histórias Extraordinárias para divertir e sonhar”, que traz uma narrativa divertida e que fomenta a imaginação.

Os recursos utilizados foram simples, através da técnica de origami, no qual os personagens galinha e coelho foram representados por dobraduras. Finalizei o vídeo incentivando as crianças e seus familiares a confeccionarem os personagens de dobradura da história, podendo assim, passar tempo juntos, aprender uma confecção manual nova, e recontar a histórias, a partir da oralidade. A edição do material foi feita pelo celular, através do aplicativo gratuito *CapCut*.

História: Fogo no Céu

Figura 4: Capa do livro “Fogo no Céu!”



Fonte: A editora

Autoria: Mary França

Editora: Ática

Ilustração: Eliardo França

Local: Online - Redes Sociais

Formato: Vídeo gravado

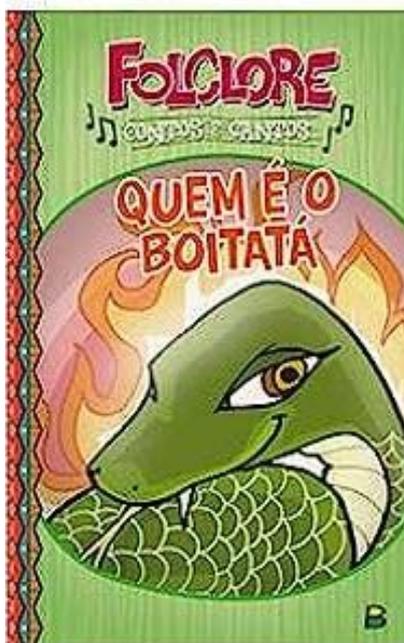
Público: Seguidores do PET BCI

Descrição: Ainda no primeiro ano da pandemia do coronavírus, as atividades de contação de histórias do PET BCI UFSCar se intensificaram, visto que o grupo Quitanda de Histórias começou a melhor estruturar o projeto, buscando ser mais

atuante nas redes sociais. Deste modo, aproveitando o mês temático de festa junina, o vídeo do mês de junho de 2020 foi a contação do livro Fogo no Céu. Para encerrar o vídeo, fiz um momento de interação musical, através da cantiga popular infantil "Capelinha de Melão", possibilitando maior envolvimento dos ouvintes com a gravação. Os recursos utilizados foram imagens impressas dos personagens principais, violão e edição de texto no vídeo para mostrar a letra da cantiga cantada.

História: Quem é o Boitatá?

Figura 5: Capa do livro "Quem é o boitatá"



Fonte: A editora

Autoria: Angela Finzetto

Série: Folclore em Contos e Cantos

Editora: Brasil Leitura

Ilustração: Beto Uechi e Leandro Robles

Local: Online - Redes Sociais

Formato: Vídeo gravado

Público: Seguidores do PET BCI

Descrição: Com o objetivo de abordar o folclore nacional, valorizando a cultura popular brasileira, a contação aconteceu dentro de uma série de vídeos sobre as histórias dos personagens do folclore, postada nas redes sociais do projeto, incluindo *facebook*, *instagram* e *youtube* no mês de agosto de 2020.

Essa atividade aconteceu com diversos petianos, onde cada um contou a histórias de 2 personagens do folclore brasileiro, baseadas na série “Folclore em Contos e cantos”, composta por 10 livros, um de cada personagem do folclore: “Boitatá”, “Iara”, “Negrinho do pastoreio”, “Boto cor de rosa”, “Bumba meu boi”, “Lobisomem”, “Saci Pererê”, “Curupira”, “Mula sem cabeça” e “Bicho Papão”.

A ideia foi de proporcionar um conteúdo interessante para que as escolas e educadores pudessem usar em suas aulas, a partir da contação de histórias tradicionais e da interação com adivinhas, trava línguas e cantiga, ao mesmo em que o público seguidor do PET BCI nas redes sociais pudessem se encantar e envolver com as narrativas tradicionais presentes em suas memórias.

Nessa gravação, contei a história sobre o Boitatá e utilizei um fantoche desse personagem que aparecia com frequência no vídeo, tornando o material mais lúdico, assim como, o encerramento aconteceu com a cantiga “A cobra não tem pé”, sendo cantada com o recurso de um violão e edição de vídeo para mostrar a letra da música na tela da gravação, facilitando assim, a participação do ouvinte com a proposta do vídeo.

Figura 6: Captura de tela da narração sobre o Boitatá no PET BCI

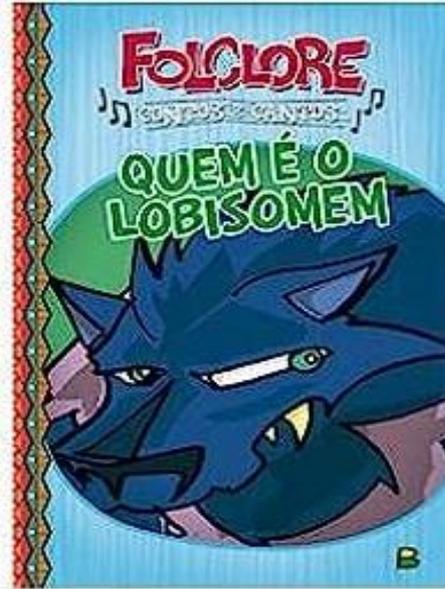


O BOITATÁ - Contação de Histórias | FOLCLORE

Fonte: Canal do youtube - PET BCI UFSCar (2020)

História: Que é o Lobisomem?

Figura 7: Capa do livro “Quem é o lobisomem”



Fonte: A editora

Autoria: Angela Finzetto

Série: Folclore em Contos e Cantos

Editora: Brasil Leitura

Ilustração: Beto Uechi e Leandro Robles

Local: Online - Redes Sociais

Formato: Vídeo gravado

Público: Seguidores do PET BCI

Descrição: Ainda dentro do projeto “Mês do Folclore”, outra contação realizada foi sobre o personagem Lobisomem. Para representar esse personagem, utilizei um recurso em feltro: a mão do lobo foi customizada em feltro, com detalhes de pelos fictícios, com a finalidade de remeter a esse personagem tão famoso no folclore nacional, do mesmo modo em que as crianças pudessem fantasiar por meio do recurso. Para finalizar o vídeo, foi feita a trava línguas “pedro pregou um prego na porta”, o qual foi exposto na tela através da edição de vídeo, assim, os ouvintes poderiam participar de casa.

Figura 8: Captura de tela da narração sobre o Lobisomem no PET BCI



O LOBISOMEM • Contação de Histórias | FOLCLORE

Fonte: Canal do youtube - PET BCI UFSCar (2020)

Ainda em agosto, o PET BCI recebeu o convite do Colégio Objetivo Wellington, de São Paulo, para realizar uma atividade em comemoração ao Dia do Folclore. Dessa vez, a contação aconteceu através do Google Meet e também contou com a participação de outros membros, sendo Juliana Andrikonis e Bárbara Valerio.

Iniciamos o momento com as cantigas populares “Ciranda, Cirandinha” e “Caranguejo não é peixe”, assim como, recitamos as parlendas “Hoje é domingo” e “Batatinha quando nasce” e ainda no momento de introdução, cantamos a música “Boa tarde, como vai?”, de William Alexandre, com auxílio de um violão e interação com os alunos. Isso ocorreu para criar uma sintonia com os ouvintes e iniciar a atividade de forma acolhedora, na qual os alunos puderam nos conhecer e se sentiram mais à vontade com nossa presença na chamada de vídeo.

O público participante variou entre infantil e fundamental 1 e contou com a presença das educadoras da escola. Após as contações de histórias, incluindo “Boitatá”, “Vitória Régia” e “A lenda do surgimento da noite”, finalizamos o encontro cantando a cantiga “Fui morar numa casinha”, e para isso, utilizamos os personagens do folclore brasileiro para fazer os gestos da música, ao mesmo tempo em que um violão dava ritmo a canção.

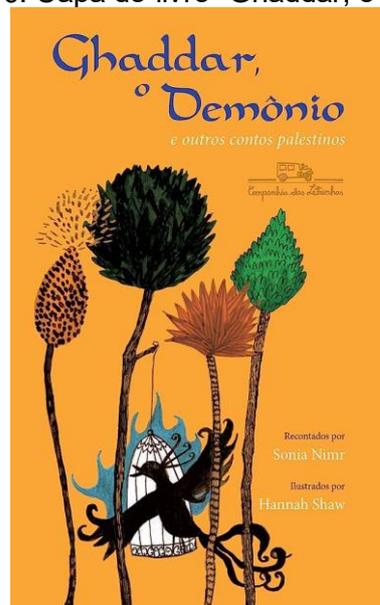
Figura 9: Captura de tela da narração no Colégio Objetivo Wellington



Fonte: Acervo pessoal do autor

História: Como a andorinha enganou a serpente

Figura 10: Capa do livro “Ghaddar, o demônio”



Fonte: A editora

Livro: Ghaddar, o Demônio e outros contos palestinos

Autoria: Sônia Nimr

Editora: Companhia das Letrinhas

Ilustração: Hannah Shaw

Local: Online - Redes Sociais

Público: Seguidores do PET BCI

Descrição: Dentro do planejamento do grupo em desenvolver o Quitanda de Histórias e estar ativo nas redes sociais, o vídeo foi publicado em dezembro de 2020, com o objetivo de compartilhar uma história da tradição palestina, por meio de um relato de Sonia Nmr, cumprindo com o cronograma de postagem. Os recursos utilizados foram um cachecol para representar a cobra e um lenço com detalhes em renda para simbolizar a andorinha.

Figura 11: Captura de tela da narração “Como a andorinha enganou a serpente” no PET BCI

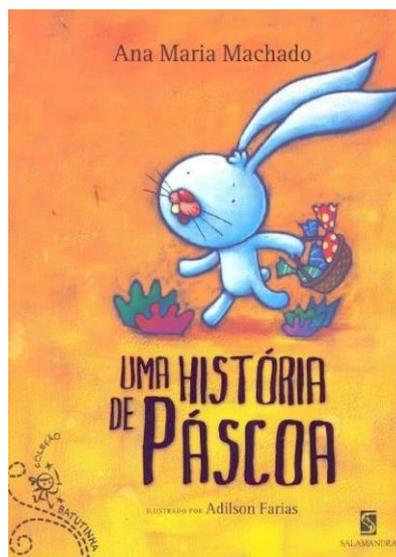


COMO A ANDORINHA ENGANOU A SERPENTE - Contação de História

Fonte: Canal do youtube - PET BCI UFSCar (2020)

História (livro): Uma História de Páscoa

Figura 12: Capa do livro “Uma história de Páscoa”



Fonte: A editora

Autoria: Ana Maria Machado

Editora: Salamandra

Ilustração: Adilson Farias

Local: Online - Redes Sociais

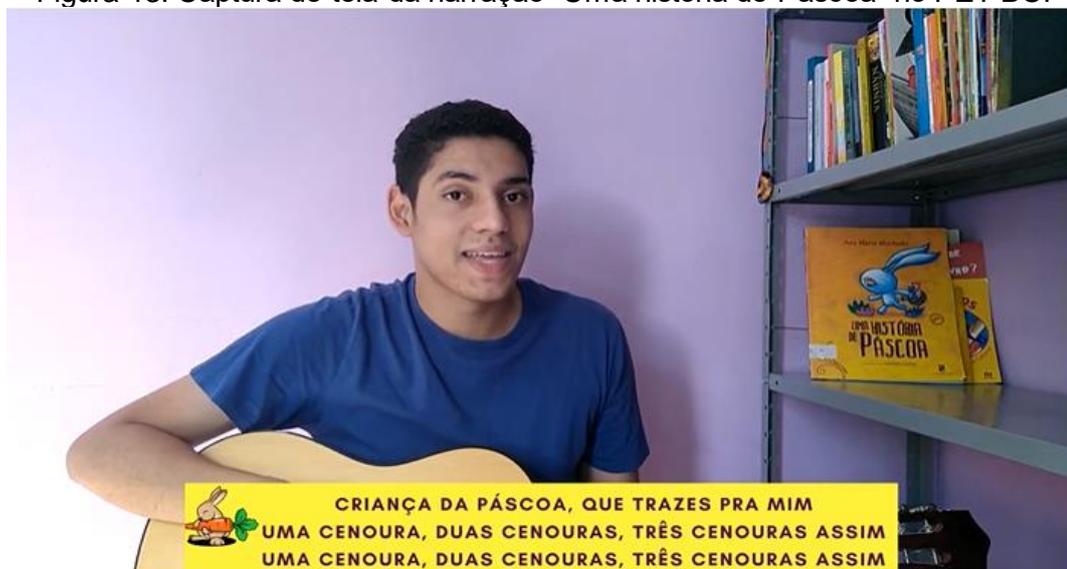
Formato: vídeo gravado

Público: Seguidores do PET BCI

Descrição: Mais uma vez por conta da temática de Páscoa, em abril de 2021, a contação realizada foi em comemoração à essa data. Foi possível utilizar uma música como trilha sonora da gravação, colocada na edição do vídeo, assim como, utilizei um desenho feito por uma criança para representar o menino da Páscoa e uma dobradura de coelho para representar esse animal que simboliza essa data temática.

Para tornar o vídeo ainda mais especial, com o auxílio de um violão, o encerramento aconteceu com a cantiga popular “Coelhinho da Páscoa”, assim como, fiz uma adaptação da música para “Criança da Páscoa”, relacionando-a com a história, pois no livro tem-se o coelho Dudu esperando animado pelo menino da Páscoa e cenouras coloridas.

Figura 13: Captura de tela da narração “Uma história de Páscoa” no PET BCI

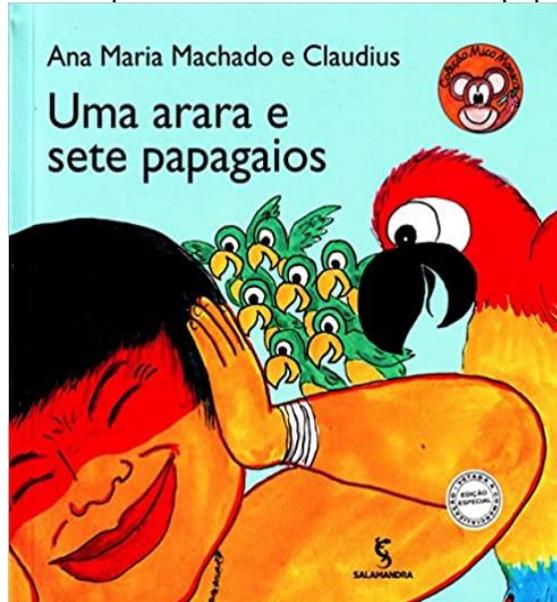


UMA HISTÓRIA DE PÁSCOA • Contação de Histórias | PÁSCOA

Fonte: Canal do youtube - PET BCI UFSCar (2020)

História: Uma arara e sete papagaios

Figura 14: Capa do livro “Uma arara e sete papagaios”



Fonte: A editora

Autoria: Ana Maria Machado

Editora: Salamandra

Ilustração: Claudius

Local: EMEI José Madureira Lebrão (online).

Formato: videochamada

Público: Alunos do Infantil

Descrição: A atividade surgiu a partir do convite da professora Aline Calado, da EMEI José Madureira Lebrão, localizada na cidade de São José dos Campos, no estado de São Paulo, que buscava um momento de encantamento por meio das histórias com seus alunos.

O encontro ocorreu virtualmente em abril de 2021 e contou com três histórias narradas: A participante Luana Carolina contou “O que é o Amor?”, da coleção Pequenas Lições e editora Soler; a membro Ana Julia Artali narrou o livro “Bom Dia Todas as Cores”, de Ruth Rocha; e eu contei o livro “Uma arara e sete papagaios”, de Ana Maria Machado e Claudius, por já fazer parte do meu repertório

Figura 15: Captura de tela da narração na EMEI José Madureira Lebrão



Fonte: Acervo pessoal do autor

Falando especificamente sobre esta última contação, a escolha da história se deu por trazer aspectos da natureza e interação com os ouvintes, deste modo, foi possível utilizar um fantoche de luva representando o personagem principal, a arara, assim como, um cocar feito de EVA, representando o personagem principal.

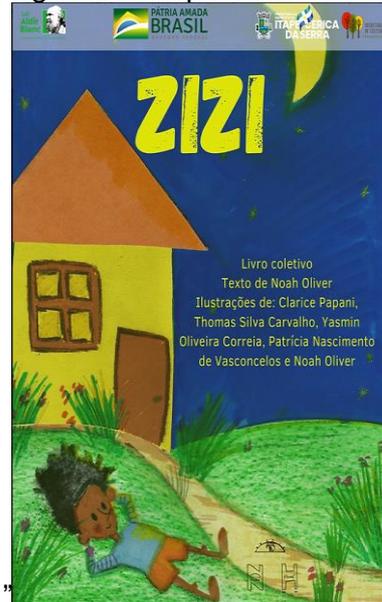
Nessa ocasião, ocorreu que um aluno trouxe uma memória, pois ele comentou dos pássaros que apareciam na casa de sua avó, e essa memória foi resgatada, pois na história tem a presença dos pássaros e a interação deles com o personagem principal.

Ainda, o uso de interações com gestos manuais para envolver os ouvintes com a história foi essencial: em um momento da história, o personagem principal precisa atravessar o rio com uma canoa, logo, neste momento e usando a imaginação, os ouvintes puderam atravessar junto com o Poti, ao fazer gestos com os braços imitando o ato de remar, do mesmo modo que o personagem fez na história, remando de um lado e depois do outro.

Finalizamos o encontro com um bate papo livre com os alunos, em que comentaram sobre as histórias contadas, assim como, reforçamos a autoria dos livros utilizados, para que os pequenos alunos pudessem entender de onde surgiram as histórias narradas.

História: Zizi

Figura 16: Capa do livro “Zizi



Fonte: Instituto Hosanart (2021)

Autoria: Noah Oliver

Editora: Não há editora, pois a publicação foi independente.

Ilustração: Clarice Papani, Thomas Silva Carvalho, Yasmin Oliveira Correia, Patrícia Nascimento de Vasconcelos e Noah Oliver

Local: Online - Redes Sociais

Formato: vídeo gravado

Público: Seguidores do PET BCI UFSCar

Descrição: Essa gravação aconteceu em parceria com ONG Oncovita, localizada na cidade de São Carlos, interior do estado de São Paulo, que tem como objetivo prestar apoio social e profissional a pessoas que passaram pelo câncer. O convite surgiu para que o PET BCI contasse histórias nas redes sociais do projeto, resultando em 3 vídeos gravados no mês de setembro de 2021, sendo que uma das histórias contadas por mim foi “Zizi”. A gravação foi feita com edição de cortes e utilização de trilha sonora musical, assim como, para contar a história usei movimentos manuais.

4.2 Práticas realizadas em estágio supervisionado: Educativa – Cooperativa Educacional de São Carlos

Um dos pré-requisitos obrigatórios para formação universitária do graduando em BCI na UFSCar é a realização de estágio supervisionado, contabilizando 300 (trezentas) horas de estágio obrigatório, distribuídas em disciplinas de estágio, a partir do terceiro semestre do curso. Também, é possível realizar estágio não obrigatório, mas que ainda assim, solicita a supervisão do departamento de curso, assim como, supervisão da concedente de estágio.

Considerando meu primeiro estágio em biblioteca escolar, a seguir irei descrever as contações de histórias e leituras compartilhadas realizadas na Educativa - Cooperativa Educacional de São Carlos, escola situada na cidade de São Carlos, interior de São Paulo. Para tal, foi considerado o período de 2019 a 2022, época em que tive vínculo com a instituição enquanto estagiário, cumprindo tanto parte dos créditos para estágio obrigatório quanto o não obrigatório, sob supervisão da bibliotecária Graziella Fernanda de Campli.

História: A infância da Bruxa Onilda: na escola

Autoria: Enric Larreula e Roser Capdevila

Editora: Scipione

Ilustração: Roser Capdevila

Local: Educativa

Formato: Presencial

Público: Alunos do Ensino Infantil e Fundamental 1

Descrição: A primeira contação de histórias realizada na escola Educativa, enquanto era estagiário, foi em comemoração ao Dia das Bruxas no mês de outubro de 2019. A escolha da obra se deu por fazer parte do acervo da biblioteca escolar, por ser uma história divertida e por trazer uma personagem bruxa famosa e singular, assim como, a narrativa se passa na escola, trazendo identificação por parte dos alunos, que vivenciam o ambiente escolar diariamente.

O momento se iniciou perguntando se os alunos conheciam uma bruxa toda atrapalhada, e com isso, eles puderam compartilhar personagens que já conheciam.

Após isso, comentei com os alunos dizendo que a história que iria contar era de uma bruxa divertida e que estava indo para seu primeiro dia de aula. O que essa bruxa poderia aprontar na escola? A partir dessa pergunta provocante, os ouvintes foram envolvidos numa história intrigante.

Figura 17:Contação 'A infância da bruxa Onilda' na Educativa



Fonte: Acervo pessoal do autor

Para iniciar a narração, foi criada uma música simples para sintonizar os alunos com o momento e acolhê-los, de forma a acalmá-los e chamar a atenção deles para o início da história. A dinâmica e recursos utilizados nessa contação foram os mesmos utilizados na atividade que ocorreu na Biblioteca Pública de Ibaté, já mencionada aqui no trabalho.

Como estávamos na mesma época do ano, utilizei a mesma contação que havia preparado para realizar as práticas em diferentes espaços, dessa forma, o repertório que estava se construindo foi útil. Vale ressaltar que mesmo a história sendo contada mais de uma vez, o público e contexto diferenciam, por isso, é interessante contar a mesma história mais de uma vez, pois as experiências são diferentes. Nesse caso, essa contação foi feita para todas as turmas do infantil e fundamental 1 do período matutino.

História: Uma arara e sete papagaios

Autoria: Ana Maria Machado

Editora: Salamandra

Ilustração: Claudius

Local: Educativa

Formato: Video chamada e presencial

Público: Alunos de uma turma do Infantil 1

Descrição: A contação foi pensada pois os alunos estavam estudando sobre pássaros e aves, logo a professora Letícia Munhoz fez o convite para uma parceria lúdica no início do ano letivo de 2021. Nesta ocasião, as aulas estavam acontecendo no formato híbrido, logo, a contação foi feita no online, através de uma videochamada pela plataforma Microsoft Teams, assim como, no presencial, ocupando uma área verde da escola. Como os alunos eram menores e a turma pequena, a atividade aconteceu em roda e na grama. Os recursos utilizados foram cocar de EVA, representando o personagem principal, um fantoche de arara, produzido em TNT, e interação gestual com os braços.

Figura 18: Narração “Uma arara e sete papagaios” na Educativa



Fonte: Acervo pessoal do autor

História: Fogo no Céu

Autoria: Mary França

Editora: Ática

Ilustração: Eliardo França

Local: Educativa

Formato: Video chamada e presencial

Público: Turmas dos 2º anos do Ensino Fundamental 1

Descrição: No online, através da plataforma Microsoft Teams utilizada pela escola, a contação de história foi feita para encerrar um projeto de alfabetização que as professoras Natália Munhoz e Danielle Franco estavam realizando com as turmas dos 2º anos do ensino fundamental 1 no primeiro semestre de 2021. Para narrar, foram utilizados origami dos personagens que aparecem na história, assim como a entonação da voz para dar ênfase à narrativa principal que é quando os personagens veem o céu pegando fogo.

A história veio de encontro com a época do ano, o mês junino, e para tornar o encontro ainda mais especial foi feita uma brincadeira com comidas típicas da festa junina, trabalhando também a coordenação motora, e no final, foram feitos origami de bode, um dos personagens do livro, servindo como marca página ou decoração, no qual cada aluno pode criar o bode da forma que achava mais criativa.

Figura 19: Captura de tela da narração “Fogo no Céu” na Educativa

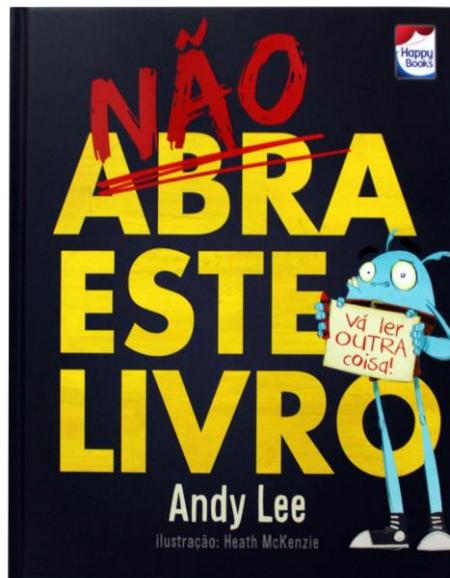


Fonte: Acervo pessoal do autor

No presencial, a atividade foi feita com uma turma do infantil 2, a convite da professora Cristiane Pitta. Neste encontro, foi feita a brincadeira das comidas juninas e a contação de história, em roda e sentados na grama, em uma área verde da escola.

História: Não abra este livro: vá ler outra coisa

Figura 20: Capa do livro “Não abra este livro: vá ler outra coisa”



Fonte: A editora

Autoria: Andy Lee

Editora: Happy Book

Ilustração: Heath McKenzie

Local: Educativa

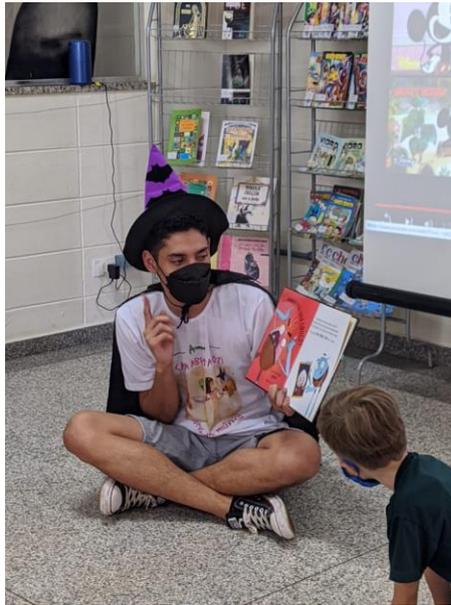
Formato: Presencial

Público: Alunos do Infantil e Fundamental 1

Descrição: Em comemoração à semana do Dia das Bruxas, em outubro de 2021, as turmas do infantil participaram de um momento de leitura coletiva com o livro “Não abra este livro”, o qual tem um monstro como personagem principal. A história divertiu os alunos, pois o personagem é insistente e tenta enganar o leitor para que ele não abra o livro e vire as páginas, ao mesmo tempo em que o leitor fica curioso para saber o que há na próxima página e o porquê de o monstrinho estar agindo de uma forma tão curiosa. O final do livro é uma surpresa, e conforme a narrativa vai se

desenrolando, os alunos ficam animados e envolvidos. Esses momentos aconteceram em roda, com todos sentados no chão da biblioteca, interagindo com a história.

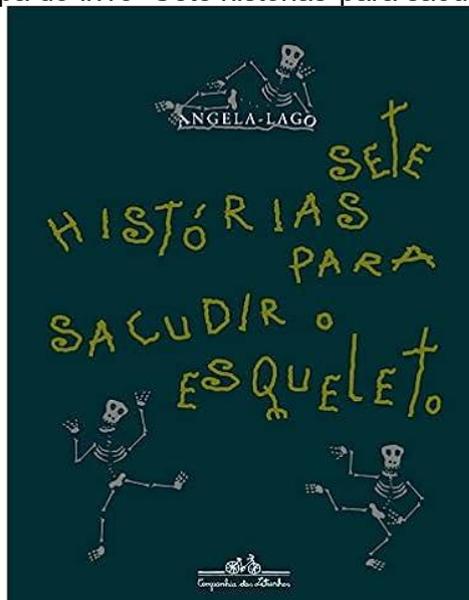
Figura 21: Leitura em voz alta “Não abra este livro” na Educativa



Fonte: Acervo pessoal do autor

História: Sete histórias para sacudir o esqueleto

Figura 22: Capa do livro “Sete histórias para sacudir o esqueleto”



Fonte: A editora

Autoria: Angela-Lago

Editora: Companhia das Letrinhas

Ilustração: Angela-Lago

Local: Educativa

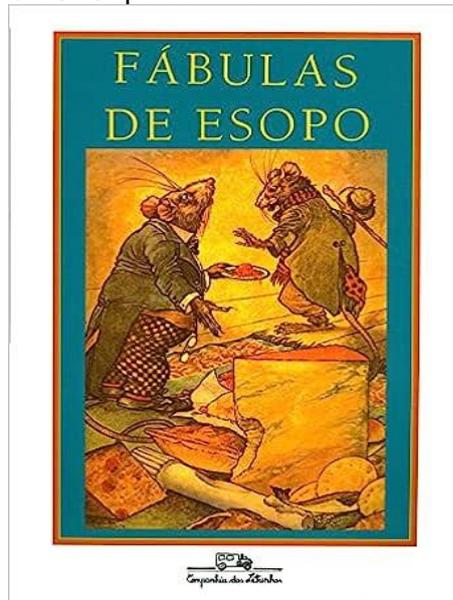
Formato: Presencial

Público: Fundamental 1

Descrição: Ainda em comemoração ao Dia das Bruxas, em outubro de 2021, agora voltado para as turmas do fundamental 1, foram realizados momentos de leitura coletiva com alguns contos do livro “Sete histórias para sacudir o esqueleto”, os quais são de assombração, mas com um toque de humor. Sentados em roda, no chão da biblioteca, a leitura dos contos possibilitou o uso de entonação de voz e suspense, assim como, o contato com um livro nacional.

História: Fábulas de Esopo

Figura 23: Capa do livro “Fábulas de Esopo”



Fonte: A editora

Organização: Russel Ash e Bernard Higton

Editora: Companhia das Letrinhas

Ilustração: Vários ilustradores

Local: Educativa

Formato: Presencial

Público: Turmas dos 2º anos do Ensino Fundamental 1

Descrição: Em março de 2022, os alunos dos 2º anos iriam começar a estudar fábulas e ler o livro “Fábulas de Esopo”, deste modo, para iniciar esse projeto, as professoras

chamaram o próprio fabulista Esopo para contar a sua história de vida e criação de suas fábulas. Com essa interação, também foi possível introduzir os alunos ao universo das fábulas, destacando as características mais marcantes dessa composição literária, ao mesmo tempo em que, foi dado início a leitura do livro, através da leitura coletiva de algumas fábulas presentes na obra. Os leitores interagiram com a contação, fizeram perguntas ao famoso fabulista e apreciaram a obra e suas ilustrações.

Figura 24: Leitura do livro “Fábulas de Esopo”



Fonte: Acervo pessoal do autor

4.3 Práticas realizadas em estágio supervisionado: Biblioteca Municipal Prof.^a Isabel Hyppolito

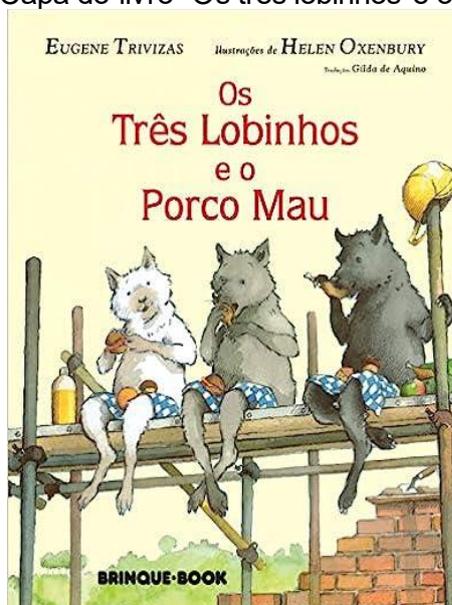
Ainda no âmbito dos estágios supervisionados, as descrições a seguir contam sobre as contações de histórias e mediações de leitura realizadas na Biblioteca Municipal Prof. Isabel Hyppolito, anexa à escola EMEB Carmine Botta, da prefeitura Municipal de São Carlos, enquanto estagiário, no período de maio de 2022 a setembro de 2022, sob orientação e supervisão da bibliotecária Patrícia Fernanda de Camargo Rio.

Essa unidade, situada na cidade de São Carlos, interior de São Paulo, faz parte do projeto Escolas do Futuro, que são bibliotecas comunitárias anexas às Escolas Municipais de Educação Básica, que atendem seus alunos, professores e

funcionários, assim como, toda comunidade em seu entorno. Dessa forma, configura como uma biblioteca municipal, que presta serviços à escola, ao mesmo tempo em que atende a comunidade.

História: Os três lobinhos e o porco mau

Figura 25: Capa do livro “Os três lobinhos e o porco mau”



Fonte: A editora

Autoria: Eugene Trivizas

Editora: Brinque-Book

Ilustração: Helen Oxenbury

Local: Biblioteca Municipal Prof. Isabel Hyppolito

Formato: presencial

Público: alunos dos 4º anos do Ensino Fundamental 1 e 6º anos do Ensino Fundamental 2

Descrição: Em um primeiro momento, na segunda edição do Festival SIBISC, um evento que envolve diversas bibliotecas, bibliotecários e demais artistas e profissionais ligados à cultura e educação da cidade de São Carlos, houve a contação de história do livro “Os três lobinhos e o porco mau”, assim como uma oficina de dobradura, na qual foi possível aprender a fazer um marca página de lobo. A atividade aconteceu em maio de 2022, com os alunos dos quartos anos da EMEB Carmine

Botta, também localizada na cidade de São Carlos e onde a Biblioteca Prof.^a Isabel Hyppolito é anexa.

Figura 26: Contação de história para os 4^o anos na Biblioteca Isabel Hyppolito



Fonte: Acervo pessoal do autor

Já em um segundo momento, agora em parceria com a professora de Língua Portuguesa, Rilmara Rosy Lima, da EMEB Carmine Botta, em junho de 2022, a narração da mesma história envolveu os alunos dos sextos anos no projeto de leitura do ano de 2022 da turma. A ideia aqui foi de ampliar o repertório dos alunos com relação às histórias clássicas, a partir de outras versões e recontos, valorizando não só a linguagem oral, mas também as adaptações, criações e demais narrativas recontadas oralmente ou de forma escrita.

Posteriormente a contação, os alunos puderam escrever suas histórias, dando uma nova versão aos clássicos da literatura infantil. Para desenvolver essa atividade, o início se deu a partir de um resgate de memória, no qual os alunos puderam compartilhar quais versões da história “Os três porquinhos e o lobo mau” eles conheciam, e naquele momento, alguns trouxeram versões contadas oralmente pelos pais ou que já leram em outros livros. Com isso, essa atividade propiciou que os alunos resgassem suas memórias com relação as histórias contadas ou lidas na infância, assim como, posteriormente, puderam elaborar suas versões, a partir da escrita, para essa narrativa tão comum em nosso imaginário.

Figura 27:Contação de história para os 6º anos na Biblioteca Isabel Hyppolito



Fonte: Acervo pessoal do autor

Nos dois momentos em que a contação foi feita na biblioteca, houve interação de perguntas e respostas, de forma a dar continuidade à narrativa. Para representar o lobo, foi utilizado uma bexiga rosa, e no final da história quando os lobinhos constroem uma casa de flores e o porco aspira o cheiro das flores, foi usado pétalas, para que assim os alunos pudessem sentir o cheiro das flores também. Ainda, na parte da história em que o lobo começa a dançar, cantamos uma canção escrita e adaptada da história, usando o violão para tornar o momento mais musical e envolvente. Ao final da contação, os alunos puderam aprender a fazer um origami de lobo, decorando da forma mais criativa para usá-lo como marcador nos livros emprestados na biblioteca.

História: Fogo no Céu

Autoria: Mary França

Editora: Ática

Ilustração: Eliardo França

Local: Biblioteca Municipal Prof. Isabel Hyppolito

Formato: Presencial

Público: Alunos dos 1º anos do Ensino Fundamental 1

Descrição: No mês de junho de 2022, aproveitando o mês temático de festa junina, foi utilizado um livro que já fazia parte do meu repertório enquanto contador de história,

mas que dessa vez foi utilizado para uma leitura coletiva. A atividade começou com uma mediação de leitura, no qual foi utilizado o livro “Fogo no céu”, e após esse momento, os alunos puderam aprender a fazer uma dobradura de balão, com auxílio da bibliotecária, estagiário, voluntária e professora. O encontro literário ocorreu no parquinho, ao ar livre, e sentados em roda na grama, com todas as turmas do primeiro ano do ensino fundamental 1.

Figura 28: Contação da história “Fogo no Céu” na Biblioteca Isabel Hyppolito



Fonte: Acervo pessoal do autor

História (livro): A lenda do Tangram

Autoria: -

Editora: -

Ilustração: -

Local: Biblioteca Municipal Prof. Isabel Hyppolito

Formato: Presencial

Público: Alunos dos 6º anos do Ensino Fundamental 1

Descrição: Em setembro de 2022, aconteceu uma parceria com a professora de matemática e ciências da EMEB Carmine Botta, no qual por meio do Tangram, foi possível trabalhar formas geométricas, porcentagem, além de valorizar as narrativas orais e histórias tradicionais. A atividade começou com a leitura coletiva de dois contos sobre a lenda do surgimento do Tangram, sendo “O Mensageiro e o Imperador” e “O

Discípulo e o Mestre”, e após isso, desenhamos e cortamos os moldes geométricos, conhecendo cada tipo, e então, criamos figuras, a partir de exemplos pré-selecionados.

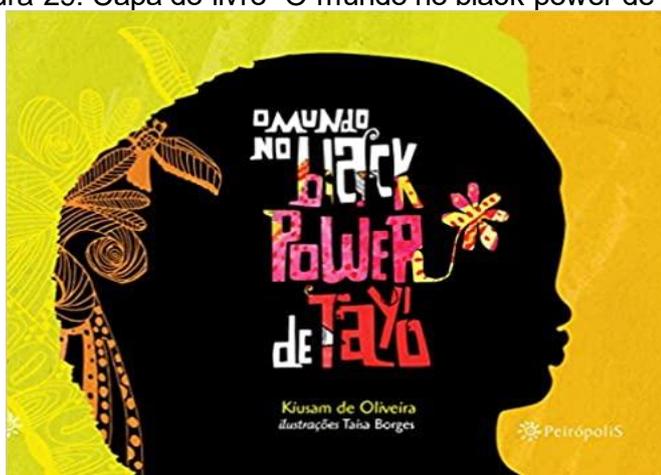
4.4 Práticas realizadas em projetos complementares: parcerias extensionistas para além da universidade

Durante a formação acadêmica, é possível participar de projetos complementares, de forma a ampliar o contato com as possibilidades de atuação e participação na biblioteconomia. Nesse sentido, o projeto curricular do curso de BCI da UFSCar solicita que o aluno cumpra 120 (cento e vinte) horas de atividades complementares certificadas.

Neste capítulo serão reunidas atividades de incentivo à leitura que aconteceram por meio de projetos pessoais, monitoria, festival e demais parcerias com bibliotecários, professores e instituições do ramo da educação e cultura, considerando o período de 2020 a 2022. Tais ações acontecerem pela realidade de estar em uma universidade, e com isso, ter acesso e contato com diversas possibilidades de atuação, logo, ressalto aqui a importância que a experiência acadêmica tem, abrindo portas não somente para projetos internos, mas também para oportunidades externas e que se conectam com a graduação.

História: O mundo no black power de Tayó

Figura 29: Capa do livro “O mundo no black power de Tayó



Fonte: A editora

Autoria: Kiusam de Oliveira

Editora: Peirópolis

Ilustração: Taisa Borges

Local: Colégio Delta Nobre

Formato: Videochamada

Público: Alunos dos 1º anos do Ensino Fundamental 1

Descrição: Encerrando o ano letivo, em dezembro de 2020, os alunos iriam ler o livro “O mundo no black power de Tayó”, e para isso, fui convidado pelo professor Sérgio Campos para uma parceria em uma aula da disciplina de filosofia, do Colégio Delta Nobre, localizada em Mogi Mirim, interior de São Paulo.

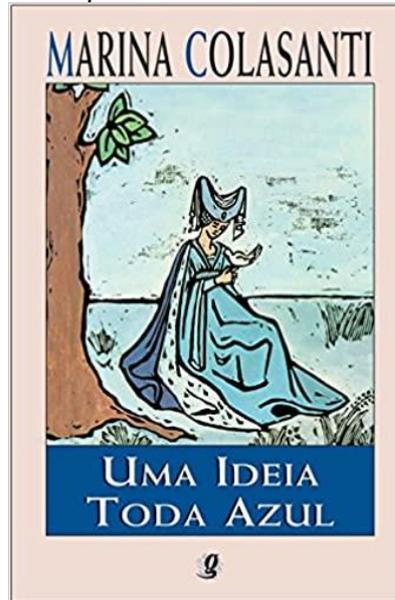
A atividade aconteceu através da plataforma *Google Meet*, e contou com leitura coletiva do livro, tendo a participação dos alunos e do professor. Após isso, os alunos puderam destacar partes que acharam interessantes, recortes das ilustrações que mais chamaram atenção e palavras de destaque, comentando com a turma o porquê de suas escolhas.

Após isso, fizemos o clássico jogo “Batata quente”, adaptando-o para o contexto virtual, de forma a envolver os alunos e também relacionar com o livro lido. Dessa maneira, com o objetivo de valorizar as palavras de origem africana presentes no texto, conforme cantávamos a cantiga, íamos descobrindo os significados das palavras de destaque trazidas pela autora Kiusam de Oliveira em sua obra. O momento promoveu interação entre os educadores e os alunos, assim como, foi possível explorar o material literário, por meio do vocabulário e repertório linguístico proporcionado pela leitura.

Para encerrar o encontro, cantamos a música “Normal é ser diferente”, dos artistas Grandes Pequeninos, e para tal, eu usei o violão e os alunos participaram com seus chocalhos. Essa interação possibilitou refletir sobre a letra da música e relacioná-la com os estudos que os estudantes estavam tendo na matéria, logo, a escolha da música se deu por fazer parte do repertório musical para crianças, assim como, relaciona-se com o tema do livro lido e com o tópico “Semelhanças e diferenças” de estudo da disciplina.

História: Uma ideia toda azul

Figura 30: Capa do livro “Uma ideia toda azul”



Fonte: A editora

Autoria: Marina Colasanti

Editora: Global

Ilustração: -

Local: Biblioteca Pública Paulo Duarte

Formato: Videochamada

Público: Seguidores das redes sociais da Biblioteca Pública Paulo Duarte

Descrição: Em dezembro de 2020, encerrando a oficina de formação de contadores de história, ministrada pela educadora e contadora de histórias Beth Daniel e promovida pela Biblioteca Pública Paulo Duarte, de São Paulo, houve um sarau virtual pelo *facebook* da unidade, com os alunos do projeto. A história escolhida foi “Uma ideia toda azul” e contou com interações com o público e um lenço azul, este para instigar a imaginação dos ouvintes quanto à ideia azul narrada no conto de Marina Colasanti.

História: Uma arara e sete papagaios

Autoria: Ana Maria Machado e Claudius

Editora: Salamandra

Ilustração: Claudius

Local: SIBISC Festival

Formato: Vídeo gravado

Público: Seguidores das redes sociais do Sistema de Bibliotecas de São Carlos

Descrição: O SIBISC Festival é um evento organizado pelo Sistema Integrado de Bibliotecas do Município de São Carlos, e para compor a programação de vídeos divulgados no *youtube* da organização em maio de 2021, fui convidado a participar com uma contação de histórias. Como o tema era livre, escolhi uma história já usada no meu repertório e que faz parte do acervo das Bibliotecas da cidade.

Figura 31: Captura de tela da narração “Uma arara e sete papagaios” no festival SIBISC



Fonte: Canal do youtube - Bibliotecas de São Carlos (2020)

Agora no formato gravado, o vídeo possibilitou aplicar algumas técnicas simples de edição para tornar a contação mais atrativa, pois além de usar os recursos já existentes para essa história, como o fantoche de Arara e a interação com gestos manuais, foi possível também, editar a gravação com cortes e elementos visuais na tela.

História: Zizi

Autoria: Noah Oliver

Editora: Não há editora, pois a publicação foi independente.

Ilustração: Clarice Papani, Thomas Silva Carvalho, Yasmin Oliveira Correia, Patrícia Nascimento de Vasconcelos e Noah Oliver

Local: Instituto Hosanart

Formato: Videochamada

Público: Inscritos na oficina (estudantes de ilustração)

Descrição: Em junho de 2021, a artista Noah Oliver promoveu a oficina de criatividade ‘Eu conto, você desenha’, juntando a arte de ilustrar com a arte de criar histórias. O convite surgiu para fazer uma contação de uma de suas histórias, com a finalidade de elaborar um e-book com as ilustrações dos participantes da oficina, dentro do projeto Ars, a partir da narração do conto.

Figura 32:Arte de divulgação da Oficina de Criatividade



Fonte: Instituto Hosanart (2021)

Anteriormente ao encontro, a autora e idealizadora do projeto Noah Oliver disponibilizou vários de seus contos para que eu escolhesse uma história, e assim, pudesse contá-la no dia da oficina por meio de uma videochamada pelo Google Meet.

História: Os três lobinhos e o porco mau

Autoria: Eugene Trivizas

Editora: Brinque-Book

Ilustração: Helen Oxenbury

Local: Biblioteca Sinhá Junqueira

Formato: Presencial

Público: Infantil

Descrição: Essa contação aconteceu no espaço da Biblioteca Sinhá Junqueira, localizada na cidade Ribeirão Preto, interior de São Paulo, em março de 2022, e foi aberta aos pequenos leitores e seus familiares que frequentam a biblioteca. Começamos com um momento de acolhimento e de socialização, para que as crianças pudessem conhecer quem estava ali para contar a história, do mesmo modo que pudessem se apresentar aos colegas, e para tal, cantamos uma música de bom dia, acompanhados de violão e palmas.

Figura 33: Contação de História na Biblioteca Sinhá Junqueira



Fonte: Acervo pessoal do autor

Após essa introdução, a história contada foi “Os três lobinhos e o porco mau” e contou com interação com o público, música e gestos. Para encerrar, fizemos uma adaptação da cantiga “Tá pronto seu Lobo?”, de Edinho Paraguassu, para “Tá pronto seu Porco?”, no qual a cada rodada uma criança era o porco e precisava fazer um movimento com corpo e/ou som enquanto os outros imitavam e cantavam a música. Ao final da atividade, uma leitora que ouvir a contação compartilhou que havia lido aquele livro com sua professora, e a partir desse comentário, concluiu que aquela criança teve uma experiência diferente com aquela história, dessa vez tendo contato com a oralidade e sua arte performática.

História: Não abra este livro

Autoria: Andy Lee

Editora: Happy Book

Ilustração: Heath McKenzie

Local: Feira Orgânica de São Carlos

Formato: Presencial

Público: Infantil

Descrição: Enquanto monitor da disciplina de Leitura e Cultura, do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação, da Universidade Federal de São Carlos, ofertada pela professora Luciana de Souza Gracioso em 2022, realizei uma intervenção prática intitulada “Cabana de histórias” na Feira Orgânica de São Carlos, em setembro de 2022, como ação cultural de incentivo à leitura para a avaliação final da disciplina.

Nessa ocasião e dentro de uma cabana, a ideia foi proporcionar às crianças um momento de leitura com livros anteriormente selecionados por mim, sendo livros interativos, com rimas e temáticos, como também, contações de histórias com a discente Ana Julia Artali, brincadeiras lúdicas literárias, como jogo da memória com personagens e histórias populares do folclore brasileiro e interação com fantoches de alguns personagens lúdicos para que as crianças criassem suas histórias, e momento musical.

Para as crianças presentes, realizei uma leitura coletiva com a história “Não abra este livro”, aguçando a curiosidade do público e vivenciando um momento agradável, divertido e de interação com o texto, ilustrações e ações do personagem.

Figura 34: “Cabana de história” na Feira Orgânica de São Carlos



Fonte: Acervo pessoal do autor

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Diante da sistematização elaborada, com o objetivo de relatar as ações de mediação de leitura realizadas pelo autor no âmbito de sua formação acadêmica, é possível trazer como resultado algumas dimensões de leitura norteadas por Vicente Jouve, dando destaque para as dimensões Cognitivo, Afetivo e Simbólico.

O cognitivo se fez presente, pois em momentos de leitura compartilhada, o mediador possibilitou para o leitor um momento de interpretação do texto lido, sendo fiel aos acontecimentos da narrativa, de forma que o leitor consiga acompanhar a história e entender do que o texto se trata. Um exemplo citado no trabalho foi a leitura compartilhada do livro “Não abra este livro: vá ler outra coisa”, pois nesse caso, o leitor interagiu com a continuidade da história, de forma a conectar cada acontecimento do livro, as ilustrações e a disposição das palavras no material, acompanhando as situações protagonizadas pelo personagem, até finalizar a leitura.

Já o Afetivo evoca os sentimentos e emoções na leitura, provocadas tanto pelo texto literário quanto pelas situações de contação de histórias, pois estas também podem provocar a expressão de sentimentos, através das reflexões trazidas pela história. Com isso, o mediador promoveu momento e espaço acolhedor para realização das contações, com interação, cuidado e preparo anteriormente e durante a vivência. Também, houve momentos em que a história narrada despertou memórias dos ouvintes, e é interessante abrir espaços para essas interações, de forma a valorizar essas memórias.

Outra dimensão bastante presente na arte de contar histórias é o Simbólico, pois as histórias narradas, com auxílio dos recursos sonoros, visuais, corporais e interação com os ouvintes, foram utilizadas para instigar o imaginário do leitor. Através da criatividade para representar os personagens e elementos da narrativa, foram utilizados fantoches, cantigas populares, instrumentos musicais, gestos corporais, e outros exemplos citados na sistematização.

Além disso, é possível destacar a literatura utilizada nas práticas de mediação, pois nota-se que houve atenção a alguns tópicos para a escolha da história lida e contada, contribuindo para disseminação de literatura de qualidade: relevância do tema, como no caso das datas comemorativas, ou até mesmo quando o tema é algo que está sendo estudado pelo aluno, neste caso, a contação foi uma aliada ao pedagógico enquanto uma atividade lúdica; escolha de autores e editoras voltadas

para o público infanto-juvenil, como o caso da autora Ana Maria Machado, vencedora do Prêmio Hans Christian Andersen, e da Kiusam de Oliveira, que traz em suas narrativas a autoestima e protagonismo de crianças negras, entre outros;

Ressalta-se também, que houve parcerias para desenvolver as mediações, valorizando essa atuação em diferentes espaços culturais, educativos e sociais: nos estúdios, dentro de uma instituição de ensino, a parceria aconteceu entre a biblioteca escolar e as docentes, incluindo a contação de histórias dentro do planejamento de aulas. No PET BCI, houve convites de escolas, ONG, professoras e bibliotecas públicas, solicitando uma narração de histórias dentro de algum projeto ou atividade especial, contribuindo assim para o desenvolvimento do Quitanda de Histórias. Ainda, houve colaborações extensionistas, com bibliotecas públicas, professores da área de educação básica, festival, entre outros, promovendo mais experiências práticas para o autor, enquanto contador de histórias.

Também, pode-se notar que algumas histórias narradas se repetiram em alguns momentos, mas que não perderam seu valor. A mesma narrativa foi contada em diferentes contextos e para diferentes públicos, ou o próprio ouvinte pode ouvir aquela história mais de uma vez. Independentemente disso, é necessário ressaltar que esta é uma arte performática e que a cada momento, tem-se uma nova experiência:

O ato de contar histórias constitui uma experiência única e renovada constantemente, pois mesmo que a história seja narrada diversas vezes, trata-se de uma enunciação nova marcada pelo tempo presente e pela cumplicidade entre contadores e ouvintes. Podemos dizer que, a cada narração, o contador nos contempla com uma história diferente (Schermack, 2012, p. 5).

Um ponto essencial é que essas atividades ocorreram tanto no presencial, quanto no virtual, e que as ferramentas tecnológicas são importantes aliadas para propiciar uma narração feita no digital mais atrativa e disponível para mais pessoas. Devido a pandemia COVID-19 e necessidade de isolamento social, as atividades de mediação se intensificaram ainda mais nas mídias sociais, e para isso, utilizou-se ferramentas de edição, e vídeos gravados foram disponibilizados em plataformas na *internet*, como o *youtube* e *facebook*, além de se beneficiar das transmissões ao vivo, por meio de videochamadas ou *lives* nas plataformas como *Google Meet* e *Microsoft Teams*, ampliando assim, as possibilidades de parcerias.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento deste trabalho, buscou-se abordar um relato de experiência, a partir da sistematização das práticas de mediação de leitura e contação de história realizadas pelo autor durante sua formação acadêmica, juntamente com a elaboração de um levantamento bibliográfico. Esse objetivo surgiu, visto que se tem no campo de estudo e atuação do bibliotecário, as áreas cultural, social e educativo, considerando que muitos profissionais da informação atuam em diferentes bibliotecas, escolas e demais unidades voltadas à cultura.

Através da sistematização de práticas realizadas pelo autor, fica evidente que o objetivo principal do trabalho foi concluído, a medida em que o relato de experiência, apresenta com detalhes as vivências feitas por um graduando de biblioteconomia com mediação, dando destaque às atividades de leitura em voz alta, e sobretudo, as contações de histórias, ambas realizadas em diferentes contextos, reafirmando mais uma vez, o vasto campo de atuação de um bibliotecário incentivador de leitura.

Por meio do percurso metodológico, foi possível elaborar um referencial teórico, pautado nos temas centrais deste trabalho, elencando tópicos essenciais e que conversam com as descrições realizadas nos resultados. Para tal, obteve-se estudos da área de ciência da informação, assim como, dos campos da educação e literatura.

A partir dessa revisão de literatura, cumpriu-se com o objetivo de abordar e discorrer sobre mediação de leitura, apresentando os principais conceitos e destacando essa ação como relação dialógica para formar leitores e ampliar sua visão de mundo, favorecendo a realização de situações de leitura, por meio do convite ao diálogo e da apropriação do que se lê.

Quanto à literatura de qualidade usada na mediação, foi possível elencar tópicos importantes para o mediador escolher livros interessantes para ler ou contar, considerando qualidade textual, temática e de projeto gráfico, colocando o leitor numa posição de aprendiz e que pode explorar o material literário.

Já com relação a contação de histórias, o trabalho abordou o desenvolvimento dessa arte na humanidade, desde a antiguidade até a era digital, destacando-a atualmente como uma arte performática, seja na escola, biblioteca ou outro ambiente físico ou digital, considerando que, atualmente, essa arte também está presente na *internet* de forma significativa, pois houve um aumento expressivo de gravações de

vídeo e chamadas ao vivo, após a necessidade de isolamento social por conta do coronavírus em 2020.

Falando especificamente do ambiente escolar, essas atividades mediacionais se destacam como ações lúdicas que favorecem o desenvolvimento educacional dos alunos, visto que podem ser desenvolvidas juntamente com o plano pedagógico da escola, por meio de parcerias, nas quais o uso da literatura e da arte oral se configuram recursos estratégicos.

Com isso, na infância, ouvir e ler histórias contribui para a formação da criança, ampliando sua visão de mundo, compreendendo o mundo a sua volta e as diversas culturas, tendo contato com situações que conversam com seu cotidiano e que podem despertar emoções, trazer respostas a suas dúvidas e conflitos, entre outros benefícios.

As narrativas fantasiosas propiciam leitura por fruição, e o incentivo para que os leitores degustem e se envolvam com isso também pode partir dos bibliotecários, e com base nos resultados desse trabalho, afirma-se que esse incentivo pode ser motivado também pelos bibliotecários em formação, quando estes se envolvem com projetos literários ainda na graduação, iniciando ou fortalecendo sua linha de atuação na Biblioteconomia.

Dessa forma, o presente trabalho constituiu-se como um conteúdo com o propósito de colaborar e motivar outros discentes de biblioteconomia, para que possam se envolver e participar de projetos como os citados nesse material, abrangendo diferentes estágios supervisionados, projetos extensionistas e atividades complementares, resultando assim, em uma experiência enriquecedora durante sua formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A Leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007, v. 168, p. 33-45.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2009, São Paulo. **Anais...**[...]. São Paulo: UNESP, 2009, p. 89-103.

ALVES, Raquel Haua. Storytelling e mídias digitais: uma análise da contação de histórias na era digital. **Revista Hipertexto**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 13-157, 2012.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Como desenvolver a Competência em Informação (CI): uma mediação integrada entre a biblioteca e a escola. **CRB-8 digital**, Bauru, v. 1, n. 2, p. 11-14, 2010.

BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura: a voz do bibliotecário lendo ou narrando**. 2010. Tese (doutorado) - Universidade estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103349>. Acesso em: 21 nov. 2022

BORTOLIN, S.; BURGHI, V. J. A interação entre o bibliotecário e o leitor-ouvinte na contação de histórias. **Informação@Profissões**, [S. l.], v. 3, n. 1-2, p. 213–226, 2014. DOI: 10.5433/2317-4390.2014v3n1-2p213. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/21059>. Acesso em: 17 dez. 2022.

BOTELHO, Aline. **O contador de histórias: perfil social, competências, recursos e locais de atuação. Um olhar voltado para a contação de histórias para crianças**. 2018. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/157408>. Aceso em: 11 jan. 2023.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Ilustrações de Paulo Maia. 5º ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CARVALHO, Maria da Conceição. Escola, biblioteca e leitura. In: CAMPELLO, Bernadete Santos (org.). **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. P. 21-23.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

CARVALHO, Neuza Ceciliato de. Leitura literária: o processo de comunicação literária e a formação do leitor crítico. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; LÍMOLI, Loredana (Org.). **Entrelinhas, entretelas: os desafios da leitura**. Londrina: EDUEL, 2001. p. 62-63.

CARVALHO, Ana Carolina; BAROUKH, Josca Ailine. **Ler antes de saber ler: oito mitos escolares sobre a leitura literária**. São Paulo: Panda Books, 2018.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia; BARRETO, Damaris Queiroz; SOUSA, Laiana Ferreira de. **Mediações de leitura: o ato de ler que nos conecta**. Fortaleza: Edições Pausa, 2020.

CÔRTE, Adelaide. Ramos e; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar**. Brasília, DF: Brique de Lemos, 2011.

DANTAS, Goimar. **A arte de criar leitores: reflexões e dicas para uma mediação eficaz**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2019.

DAVALLON, Jean. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma.com**, n. 4, p. 4-37, 2007.

DEL GROSSI, EDY SIMONE. **A arte de contar histórias: O Professor Mediador da Leitura no Projeto Bibliotecas Escolares Palavras Andantes**. 2016. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias). Universidade Norte do Paraná, Londrina, 2016. Disponível em: <http://repositorio.pgsskroton.com/handle/123456789/811>. Acesso em: 15 nov. 2022.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Construtos próprios sobre leitura na Ciência da Informação. In: DUMONT, Lígia Maria Moreira (org.). **Leitor e leitura na Ciência da Informação: diálogos, fundamentos, perspectivas**. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2020, cap. 1, p. 21-52.

FLECK, Felícia de Oliveira. O contador de histórias: uma nova profissão? **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 12, n. 23, p. 216-227, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2007v12n23p216/404>. Acesso em: 15 jan. 2023.

FLECK, Felícia de Oliveira. **A profissionalização do contador de histórias contemporâneo**. 2009. 89f. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92759/269436.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 fev. 2023

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1984.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

GOMES, Henriette Ferreira. Tendências de pesquisa sobre mediação, circulação e apropriação da informação no Brasil: estudo em periódicos e anais dos ENANCIB (2008-2009). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 3, n. 1, p. 85-99, 2010.

GOMES, Henriette Ferreira; SANTOS, Raquel do Rosário. Bibliotecas universitárias e a mediação da informação no ambiente virtual: informações, atividades e recursos de comunicação disponíveis em sites. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais...**[...]. João Pessoa, 2009. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/172002>. Acesso em: 12 fev. 2023.

GUILHERME, Denise. **Qual a diferença entre ler e contra histórias?** Disponível em: <https://blog.ataba.com.br/contar-historias/>. Acesso em 22 mar. 2023.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. Traduzido por Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002

MAINARDES, Rita de Cássia Milléo. **A arte de contar histórias: uma estratégia para a formação de leitores**. Sd. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/338-4.pdf>. Acesso em, v. 11, 2019.

MATEUS, Ana do Nascimento Biluca et al. A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. **Pedagogia em ação**, v. 5, n. 1, 2013.

MELLON, Nancy. **A arte de contar histórias**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista praxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em 13 dez. 2022.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papyrus, 1998. p. 16.

PAIVA, Aparecida. **Livros infantis: critérios de seleção—as contribuições do PNBE**. BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Coleção leitura e escrita na educação infantil, v. 1, 2016.

SCHNEID, Jucelma Terezinha Neves. **A arte de contar histórias e a formação de novos leitores em múltiplos suportes**. 2011. 162f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Marília, 2011. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/935>. Acesso em: 20 fev. 2023.

SCHERMACK, Keila de Quadros. A contação de histórias como arte performática na era digital: convivência em mundos de encantamento. **Revista Digital Intersemiose**. Ano I, v. 1, n. 01, 2012. Disponível em:

<https://editora.pucrs.br/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S10/keilaschermack.pdf>. Acesso em 04 mar. 2022.

SILVA, Ivanice Prado da; SILVA, Winglyd Thais do Nascimento da; LOURENÇO, Adriana. Contação de História como Mediação de Leitura: contribuição na formação do Bibliotecário. **Ciência da Informação em Revista**, v. 3, n. 2, p. 10-17, 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/2542>. Acesso em: 18 nov. 2022.

SILVA, Antônia Janiele Moreira; ALENCAR, Aline Quesado; BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues. Biblioteca Escolar e Mediação da Leitura: estudo sobre a importância da contação de história para a formação do leitor. **Folha de Rosto**, v. 3, n. Especial, p. 36-44, 22 dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/247>. Acesso em 12 fev. 2023.

SOUZA, Ana Cleide Patrício de. Recursos auxiliares e criativos para contação de histórias na biblioteca escolar. 2017. **Biblionline**, João Pessoa, v. 13, n. especial, p. 17-20, 2017. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2018/05/pdf_2fd15a146c_0000029684.pdf. Acesso em: 25 jan. 2022.

VERSIANI, Daniela Beccaccia; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda. **Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura**. São Paulo: UNESP, 2012.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Cia das letras, 1993.
